



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



DAIANA DE LIMA

**APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA NA ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL
LUIZ CÂNDIDO DA LUZ**

Florianópolis, 2012.

DAIANA DE LIMA

**APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA NA ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL
LUIZ CÂNDIDO DA LUZ**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Orientação de: Profa. Dr^a Clarice Fortkamp Caldin.

Florianópolis, 2012.

Ficha catalográfica elaborada por

L732a Lima, Daiana de, 1987 –
Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz /
Daiana de Lima. – 2012
73 f.

Orientadora: Clarice Fortkamp Caldin, Dra.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro
de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

1. Literatura Infantil. 2. Biblioterapia. 3. Componentes biblioterapêuticos. 4. Leitura.
5. Narração. 6. Dramatização. I. Título.

CDU 027.6

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

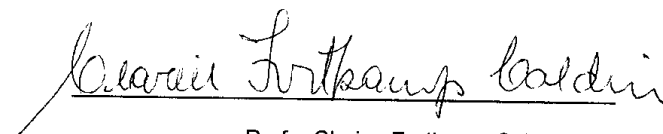
- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Acadêmica: Daiana de Lima

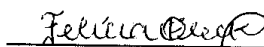
Título: Aplicação da Biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Biblioteconomia, do Centro de
Ciências da Educação da Universidade
Federal de Santa Catarina requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, aprovado com nota 8,0.

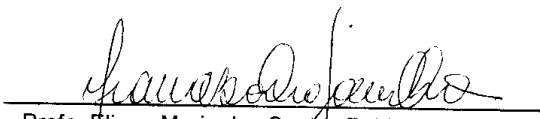
Florianópolis, 22 junho de 2012.



Profa. Clarice Fortkamp Caldin, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina
Professora Orientadora



Felícia de Oliveira Fleck, Me.
Contadora de histórias
Membro da Banca Examinadora



Profa. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, Me.
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da Banca Examinadora

Aos meus pais, Ressoli e Teresinha por todo apoio e dedicação; aos meus irmãos Márcia, Susana e Joce, pelo incentivo; aos meus queridos sobrinhos Letícia, Vinícius e Matheus pela inspiração no desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus em primeiro lugar, por ter me iluminado, me dado força, saúde, família e amigos para me apoiarem nessa jornada.

Ao meu pai e minha mãe, que sempre me deram apoio e me incentivaram a estudar.

Aos meus irmãos, pelo incentivo e apoio aos estudos.

Aos meus queridos sobrinhos, pela inspiração em trabalhar com crianças.

Aos meus amigos da faculdade, André Cunha de Oliveira e Silva pela amizade e pelo apoio nos estudos, à Críchyna Madalena da Silva, Francielli Alexandre dos Anjos, Letícia Silvana dos Santos, Loredana Piazza Almeida, Orestes Trevisol Neto, pelos momentos bons e ruins que passamos juntos. E a todos os colegas do curso de Biblioteconomia.

À professora Clarice Fortkamp Caldin, por ser uma excelente orientadora, dando sugestões, críticas, observações e apoio sempre que necessário. E pela contribuição de conhecimento.

À Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Ciência da Informação e ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, por proporcionar um ensino de qualidade.

À Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, pela oportunidade de aprendizado e pelo apoio na realização desse estudo. Em especial à diretora Marcela e às professoras Vera, Carminha, Helena e Adriana que sempre deram apoio quando precisei.

Agradeço, especialmente, às crianças que fizeram parte deste estudo proporcionando momentos de alegria e diversão.

Aos demais colegas e professores que acompanharam e contribuíram com a minha formação direta ou indiretamente, obrigada.

Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas, livros só mudam as pessoas. (Mário Quintana)

LIMA, Daiana de. **Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz**. 2012. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RESUMO

Este estudo buscou aprimorar o conhecimento da acadêmica acerca da biblioterapia e a disseminação do assunto na área da Biblioteconomia. O objetivo geral foi aplicar a atividade biblioterapêutica na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, especificamente com os alunos do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos. Os objetivos específicos foram: proporcionar a catarse; favorecer a identificação com os personagens ficcionais; estimular a criatividade e a imaginação; proporcionar lazer e diversão; favorecer o riso, tendo como auxílio atividades lúdicas que estimulam os efeitos terapêuticos. A revisão de literatura abordou os temas como a Literatura Infantil, Biblioterapia (histórico, objetivos e componentes biblioterapêuticos) e por fim as modalidades de aplicação da biblioterapia (leitura, narração e dramatização). Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa foram: pesquisa descritiva, pesquisa bibliográfica, estudo de caso, pesquisa de campo e a observação direta intensiva. Por último, descreveu-se as dez sessões realizadas com a turma do primeiro ano identificando o alcance dos objetivos, bem como relatou-se as dificuldades encontradas para a realização deste trabalho. Concluiu-se que as atividades biblioterapêuticas contribuíram para as crianças da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, proporcionando o envolvimento com os vários tipos de textos literários. As crianças também puderam realizar atividades de recreação que permitiram uma interpretação mais ampla dos textos utilizados, auxiliando no estímulo à criatividade.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Biblioterapia. Componentes biblioterapêuticos. Leitura. Narração. Dramatização.

LIMA, Daiana de. **Application of bibliotherapy in the Primary School Hall of Light Luiz Cândido da Luz.** 2012. 73 f. Working end of Course (Undergraduate Library) – Centre for Educational Sciences, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ABSTRACT

This study aimed to improve knowledge about the academic and the spread of bibliotherapy in the subject area of librarianship. The general purpose was to put in practice the library-therapeutic activity at Municipal Primary School Luiz Cândido da Luz, specifically with the 6-7 years old first grade students. The specific purposes were: To provide catharsis; help identification with fictional characters; stimulate creativity and imagination; promote leisure e entertainmeint; support laughter, assisted by playful activities that stimulates therapeutic effects. The literary revision approached themes such as Children's Literature, Library-Therapy (history, purposes and library-therapeutic components) and also the kinds of library-therapy practices (reading, narrative, dramatization). The methodological procedures used in this research were: descriptive research, literature research, case study, filed research, intensive direct observation. At last, was described the ten sessions performed with the first grade class, identifying the reach of the goals, and reported the difficults found doing this work. It was concluded that the library-therapeutic activities helped the children of the Municipal Primary School Luiz Cândido da Luz, promoting the involvement with several types of literature. The kids also did recreation activities that allowed a wider interpretation of the texts used, supporting the stimulation of criativity.

Keywords: Children's Literature. Library-therapy. Library-therapeutic components. Reading. Narrative. Dramatization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 LITERATURA INFANTIL	12
2.2 BIBLIOTERAPIA.....	15
2.2.1 Histórico da biblioterapia	15
2.2.2 Definições e objetivos da biblioterapia	18
2.2.3 Componentes biblioterapêuticos	21
2.3 MODALIDADES DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA	24
2.3.1 Leitura	25
2.3.2 Narração.....	27
2.3.3 Dramatização	30
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 ESCOLHA DO TIPO DE PESQUISA	34
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO	36
3.3 COLETA DE DADOS	37
3.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	38
4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS	39
5 ANÁLISE DOS ENCONTROS	52
6 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A - Quadro das histórias utilizadas nos encontros	59
APÊNDICE B - Autorização para fotografar os alunos do primeiro ano	60
APÊNDICE C - Fotos da atividade realizada com os ovinhos de Páscoa	61
APÊNDICE D - Foto da atividade realizada com massinha	62
APÊNDICE E - Foto realizada no dia da contação no pátio da escola	63
APÊNDICE F - Fotos da festinha realizada na última sessão de biblioterapia ..	64
APÊNDICE G – Fotos das lembrancinhas recebidas	65
APÊNDICE H – Foto da despedida da narradora	66
ANEXOS - Materiais desenvolvidos pelas crianças após a contação das histórias	67

1 INTRODUÇÃO

A palavra biblioterapia tem o significado de terapia por meio de livros. Desde os primórdios é que se tem o uso da biblioterapia, não conhecida por esse nome ainda, mas já era recomendada como parte de tratamento médico tanto no Ocidente quanto no Oriente.

Na Grécia antiga e na Índia recomendava-se a leitura individual como parte do tratamento médico e, desde o século XIX, nos Estados Unidos da América se utilizava leitura individual em hospitais como coadjuvante no processo de recuperação do doente.

Entretanto, com o nome específico de *biblioterapia* a partir do século XX, ficou conhecida a leitura compartilhada e a posterior discussão em grupo; no Brasil a produção bibliográfica tem apontado a Biblioteconomia como área atuante na biblioterapia, seguida pela Psicologia. (CALDIN, 2009).

A biblioterapia destaca-se como um valioso recurso terapêutico, que por meio da leitura de textos literários, permite alívio e conforto aos ouvintes.

Somente ler um livro não faz a biblioterapia. É preciso identificar a angústia do público-alvo para colocar em prática um melhor tratamento. O bibliotecário deve fazer um trabalho coadjuvante com profissionais da saúde, como psicólogos e psiquiatras e profissionais da educação, como pedagogos.

Nesse trabalho, a atividade biblioterapêutica foi realizada no ambiente escolar, onde as crianças passam a maior parte do tempo longe de casa e de seus familiares. Acreditou-se que as sessões de leituras e atividades auxiliares podem ajudar a estimular os efeitos terapêuticos ocasionados pela biblioterapia.

“A biblioterapia é indicada, sobretudo para crianças que necessitem permanecer afastadas de seu ambiente familiar – em creches e hospitais” (RATTON, 1975, p. 208).

Advoga-se que a aplicação da biblioterapia por bibliotecários em projetos de literatura infantil e contação de histórias na educação das crianças, proporcionam momentos de lazer e diversão, amenizam os efeitos da rotina escolar, facilitam a socialização em grupo, a pacificação das emoções, o estímulo à leitura e à criatividade.

A escola é um ótimo ambiente para aplicar a biblioterapia, pois trabalha com crianças. Assim, este estudo tem como objetivo geral aplicar a atividade biblioterapêutica na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, especificamente com os alunos do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos. Os objetivos específicos foram: proporcionar a catarse; favorecer a identificação com as personagens fictícias; estimular a criatividade e a imaginação; proporcionar lazer e diversão; favorecer o riso, tendo como auxílio, atividades lúdicas que estimulam os efeitos terapêuticos.

A Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz está localizada na Vargem do Bom Jesus, norte da ilha, situada na cidade de Florianópolis. Atende a 800 alunos (as) no Núcleo de Alfabetização e Letramento (1º ao 3º ano), Núcleo de Letramento (4º ao 5º ano) e o Núcleo de Consolidação do Letramento (6º ao 8º ano). Os alunos da escola são moradores de bairros próximos, a maioria sendo provenientes de famílias de baixa renda.

Este estudo justifica-se por contribuir com o bem estar das crianças da Escola Luiz Cândido da Luz, proporcionando-lhes, por meio das atividades de leitura, momentos de descontração que fogem da rotina escolar. Tem por justificativa também divulgar a biblioterapia na área da Biblioteconomia, mostrando-a como mais um campo de trabalho para o bibliotecário. Outro motivo relevante é o conhecimento que a acadêmica tem sobre a escola e os alunos, por ter feito estágio no local.

Espera-se, com esse trabalho, contribuir para a produção literária sobre a biblioterapia na área da biblioteconomia, estimulando outros acadêmicos a enveredarem por esse caminho.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na presente sessão apresenta-se uma breve revisão de literatura sobre os temas estudados para a realização desse trabalho, ou seja, Literatura Infantil, Biblioterapia e Modalidades de aplicação da biblioterapia. Para o embasamento teórico foram utilizados livros, artigos, dissertações e tese, tanto na forma impressa quanto na forma eletrônica.

2.1 LITERATURA INFANTIL

A arte de contar histórias nasceu a partir do momento que o homem sentiu a necessidade de comunicação. Ele precisava transmitir suas experiências e suas conquistas para que os outros também pudessem desfrutá-las.

Alguns autores dos clássicos infantis que merecem destaque: Charles Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Charles Dickens e Jean de La Fontaine - esse último valeu-se das fábulas de Esopo, da Grécia Antiga. Da Pérsia, têm-se as histórias das *Mil e uma Noites*.

“As primeiras obras publicadas visando o público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVII.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p.15).

Antes disso não se dava muita atenção ao público infantil, foi a partir desse século que houve um grande aumento de publicações para as crianças.

As autoras explicam:

Neste mesmo século durante o *classicismo francês*¹, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância como, por exemplo: *as Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694; *As aventuras de Telemâco*, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717), e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p.15).

¹ França (séc.XVII): desenvolveu os valores clássicos de maneira mais expressiva do que qualquer outro, com forte ênfase à razão e à inteligência na análise das ideias e ações humanas. Entre as mais importantes personalidades da história intelectual e literária deste período estão o matemático e filósofo René Descartes, o escritor duque de La Rochefoucauld, o escritor de fábulas Jean de La Fontaine e os dramaturgos Pierre Corneille e Jean Racine. Fonte: A Garganta da Serpente (2012)

É digno de nota que, muito embora tivessem a preocupação de passar valores, tais histórias também instigavam a fantasia e a imaginação.

Lajolo e Zilberman (1999) relatam que no século XVIII, com a ascensão da burguesia na sociedade europeia, surge à necessidade de investir na Educação como forma de preparar o sujeito para a vida adulta, levando a infância a ser encarada com mais atenção.

É a partir da ascensão da burguesia que se começa a investir na Educação Infantil, pois se percebe a criança como um ser diferente do adulto, com determinadas necessidades e especificidades. E a literatura infantil mostrou-se um meio para um fim.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999, p.20),

é no século XIX que inicia-se pela repetição dos caminhos bem-sucedidos: os irmãos Grimm, em 1812, editam a coleção de contos de fadas que, dado o êxito obtido, converte-se, de certo modo, em sinônimo de literatura para crianças. A partir de então, esta define com maior segurança os tipos de livros que agradam mais aos pequenos leitores e determina melhor suas principais linhas de ação: em primeiro lugar, a predileção por histórias fantásticas, modelo adotado sucessivamente por Hans Christian Andersen, nos seus *Contos* (1833), Lewis Carroll, em *Alíce no país das maravilhas* (1863), Collodi, em *Pinóquio* (1883). Por último, a apresentação do cotidiano da criança, evitando a recorrência a acontecimentos fantásticos e procurando apresentar a vida diária como motivadora de ação e interesse, conforme procedem o Cônego von Schmid, em *Os ovos de Páscoa* (1816), a Condessa de Séguir, em *As meninas exemplares* (1857), Louse M. Allcott, em *Mulherzinhas* (1869), Johanna Spiry, em *Heidi* (1881), e Edmond de Amicis, em *Coração* (1886).

É no século XIX que se define com uma maior segurança os tipos de livros que mais agradam o público infantil.

Para Lajolo e Zilberman (1999, p.21), todos os autores da segunda metade do século XIX confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista.

No Brasil, a Imprensa Régia contribuiu para a difusão da literatura infantil.

Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia oficialmente, em 1808, a atividade editorial no Brasil, começaram a publicar-se livros para crianças: a tradução de *Aventuras do Barão de Munchhausen* e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural*. Mas essas publicações eram esporádicas (a obra que se seguiu a elas só surgiu em 1848, outra edição das *Aventuras do Barão de Munchhausen*, agora com a chancela da Laemmert) e, portanto,

insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 23).

Como apontado na citação, muito embora tenha dado o pontapé inicial, a Imprensa Régia não supriu totalmente as demandas das crianças.

No Brasil o “Boom” da Literatura Infantil acontece com o escritor Monteiro Lobato na sua obra *Sítio do Pica Pau Amarelo*. “Ele não escreveu apenas livros para as crianças, mas criou um universo para elas.” (CARVALHO, 1989, p. 133).

Lobato sente a necessidade de escrever histórias para as crianças e a isso se dedica intensamente.

Em 1921, Monteiro Lobato publica *Narizinho Arrebitado* (Segundo livro de leitura para uso das escolas primárias), após ter se preocupado com a literatura infantil, conforme sugere a correspondência trocada com Godofredo Rangel, com quem comenta a necessidade de se escreverem histórias para crianças numa linguagem que as interessassem. Na mesma época, quando esse objetivo era ainda vago e distante, faz uma enquete a respeito do Saci, entidade mágica cuja popularidade o impressiona, vindo a reaparecer na sua segunda obra para a infância, lançada também em 1921. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 45).

As autoras continuam:

Lobato encerra o ciclo de aventuras dos netos de Dona Benta com a narração de episódios transcorridos na Grécia clássica, editados parceladamente durante 1944 e reunidos a seguir em *Os doze trabalhos de Hércules*. A partir daquele ano, Lobato não publica livros novos no Brasil, e sim na Argentina, para onde se muda por algum tempo. Na mesma ocasião, começam a despontar autores novos, como Francisco Marins, Maria José Dupré, Lúcia Machado de Almeida, entre outros. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 46).

Monteiro Lobato ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis, que constitui aproximadamente a metade da sua produção literária. Lobato ficou conhecido entre as crianças, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples onde realidade e fantasia estão lado a lado. Pode-se dizer que ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil.

Dez anos depois de seu primeiro empreendimento literário na área da literatura infantil, Lobato remodela a história original de *Narizinho* e a reúne a algumas outras que escrevera até então. Com isso, os romancistas e críticos de 30 compartilham a evolução da literatura infantil brasileira, embora de modo diferenciado. Alguns recorreram ao folclore e às histórias populares: José Lins do Rego publicou as *Histórias da velha Totônia* (1936), Luís Jardim, *O boi aruá* (1940), Lúcio Cardoso, *Histórias da Lagoa Grande* (1939),

Graciliano Ramos, *Alexandre e outros heróis* (1944). Outros criaram narrativas originais, como Érico Veríssimo, em *As aventuras do avião vermelho* (1936) ou, de novo Graciliano Ramos, em *A terra dos meninos pelados* (1939). Alguns lançaram um único título, como os citados José Lins do Rego e Lúcio Cardoso; outros, porém, mantiveram uma produção regular por certo tempo, como Érico Veríssimo, entre 1936 e 1939, Menotti del Picchia, escrevendo histórias de aventuras como as de *João Peralta e Pé de Moleque*, Cecília Meireles, como seus livros didáticos, Max Yantok, até então ilustrador da revista *O Tico-Tico*. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 47).

Pode-se ainda citar Ruth Rocha, Eliardo e Mary França, Ana Maria Machado, Chico Buarque, Ziraldo, Regina Mariano, Vinícius de Moraes, Cecília Meirelles, dentre outros autores da literatura infantil brasileira, que merecem destaque por representar a literatura tão bem, de forma atraente, lúdica e criativa.

No ambiente escolar é muito importante à realização de leituras para as crianças, é um momento primordial para que elas tenham interesse ou não pela leitura. O professor, em parceria com o bibliotecário, pode criar oportunidades criativas ao realizar atividades de incentivo à leitura. Esses momentos de prazer e descontração farão com que as crianças vejam o conteúdo do livro como algo interessante, sendo que, com o tempo, poderão ter a curiosidade despertada, para assim, quem sabe, sozinhas buscarem todas aquelas emoções sentidas nos livros.

A literatura infantil muito embora sirva de apoio didático nas escolas, deve ser apresentada às crianças como uma leitura gostosa, sem cobranças pedagógicas. Visto ser permeada de situações de conflito, de personagens que interessam às crianças, de linguagem metafórica, é a ideal para as atividades de biblioterapia na escola.

2.2 BIBLIOTERAPIA

Apresenta-se, de maneira resumida, o histórico, as definições, os objetivos, e os componentes biblioterapêuticos.

2.2.1 Histórico da biblioterapia

Antes de definir biblioterapia, cabe ressaltar que o termo possui uma evolução histórica. Nas bibliotecas da antiguidade apareciam dizeres como remédios

para alma, ou medicina para a alma, enfatizando que os antigos já percebiam a importância da leitura como um agente social transformador da saúde.

Ramsés II fez inscrever no frontispício de sua biblioteca a expressão “Remédios para a alma.” (ALVES, 1982).

Observa-se que os egípcios valorizavam a biblioteca e a consideravam medicinal para o espírito.

Cruz (1995, p. 13) esclarece que as bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “Casas da vida”; entre os romanos do primeiro século encontrou-se registros de estímulo ao uso da leitura e discussão de obras como forma terapêutica; na abadia de São Gall, na Idade Média, havia a inscrição “Tesouro dos remédios da alma”; os gregos, também, fizeram associação de livros como forma de tratamento médico e espiritual, ao conceberem suas bibliotecas como “a medicina da alma”.

Assim, gregos e romanos também viam a leitura como um tratamento e mesmo na Idade Média, com poucos livros circulando, já se percebia os benefícios da leitura.

Ao longo da história, a leitura como terapia foi indicada para todas as pessoas, sendo que, em 1802, o médico e pesquisador Benjamin Rush recomendou, nos EUA, o uso de leitura para todos os doentes; e, em 1810, passou a usar a biblioterapia como apoio psicoterápico para resolver conflitos internos, depressão, fobias e para atendimento a idosos (ALVES, 1982).

Em 1904, a Biblioteca do Mc Lean Hospital, em Massachussets, iniciou um programa envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura (RATTON, 1975, p. 199).

Nota-se, aqui, o envolvimento da biblioteca, seu compromisso em levar a leitura aos pacientes do hospital.

Cabe lembrar que o termo biblioterapia foi utilizado por Samuel Mc Chord Crothers em 1916, sendo ele um dos primeiros a mencioná-lo (ORSINI, 1982).

Na década de 1920, houve um aumento das preocupações voltadas para o uso da biblioterapia com afirmações como a de Beatty (apud VASQUEZ, 1989, p.32): “[...] se fosse um médico, eu faria dos livros uma parte do material médico e os prescreveria aos meus pacientes, de acordo com as suas necessidades”.

A partir da década de 1930, a biblioterapia firmou-se definitivamente como um campo de pesquisa. Nesse período, destacaram-se “[...] as biblioterapeutas

Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, principalmente esta última, que insistiu para que a biblioterapia fosse vista e estudada como ciência e não como arte.” (ORSINI, 1982).

Orsini (1982) diz que em 1949, Sofie Lazarfeld publicou um artigo intitulado “O uso da ficção na psicoterapia”, no qual eram descritas as reações dos pacientes diante do texto e entre as linhas dos livros indicados. Esse trabalho serviu para ressaltar a necessidade de uma auto-análise para qualquer pessoa que pretendesse trabalhar com a biblioterapia.

A citação mostra a ligação entre biblioterapia e psicanálise. Mas a biblioterapia pode ser aplicada tanto num processo de desenvolvimento pessoal, educacional, como num processo clínico-terapêutico.

A pioneira em analisar cientificamente a biblioterapia e obter o título de Ph D. foi Caroline Shrodes, com o trabalho *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*; o segundo Ph D. no assunto foi Esther A. Hartman no ano de 1951; outro momento a destacar foi quando Artemísia J. Junier fez um estudo exaustivo sobre o assunto abarcando o período de 1900 a 1958 (ORSINI, 1982).

Isso indica o interesse que a biblioterapia vinha despertando entre os pesquisadores.

No Brasil, Angela Maria Lima Ratton publicou o artigo *Biblioterapia*, em 1975 ressaltando os efeitos benéficos da leitura espontânea e dirigida, nas escolas, hospitais, prisões, na profilaxia e cura de problemas psicológicos (CALDIN, 2001b).

Caldin (2001b) cita outra pesquisadora da área, Maria Stela Orsini, que, em 1982, escreveu o artigo “*O uso da literatura para fins terapêuticos*” destacando o uso da leitura na América do Norte, desde 1815, nos hospitais, como ajuda no tratamento de pacientes.

Nas décadas de 1980 e 1990 aumentaram os estudos acerca das questões teóricas da biblioterapia, com a publicação de artigos e defesas de dissertações de mestrado, relacionadas à área no Brasil.

É importante ressaltar que, devido ao fato de a biblioterapia ter se desenvolvido no ambiente dos hospitais e clínicas de saúde mental, a mesma foi aplicada quase de forma corretiva, e voltada para aspectos clínicos de cura e restabelecimento de pessoas com profundos distúrbios emocionais e de comportamento. O seu caráter preventivo foi descoberto logo em seguida, sendo

aplicado junto a crianças, adolescentes e jovens, em escolas, bibliotecas e centros comunitários, em trabalho multidisciplinar.

Caldin (2001a, p. 42) ressalta que “a biblioterapia constitui-se numa atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Literatura, a Biblioteconomia, a Educação, a Medicina, a Psicologia, e a Enfermagem”.

Tal afirmativa destaca a importância de vários profissionais, das diversas áreas do conhecimento, trabalharem juntos, visando o bem-estar dos envolvidos nas atividades de biblioterapia.

Quando se trata de escolas, é bom lembrar que bibliotecários e professores são parceiros na grande empreitada que é educar as crianças.

A biblioterapia, além de educar, tem a ver com o sentir e o criar. Assim, cabe explicitar o sentido do termo *biblioterapia* e apontar alguns de seus objetivos.

2.2.2 Definições e objetivos da biblioterapia

O vocábulo biblioterapia se origina do grego, significando terapia por meio de livros.

A biblioterapia foi definida pela primeira vez no Dorland's Illustrated Medical Dictionary, em edição de 1941, como o emprego de livros, através de literatura dirigida, no tratamento de doentes mentais. (RATTON, 1975).

Observa-se, na citação, que inicialmente se pensava na biblioterapia apenas para doentes mentais.

Segundo Ratton (1975) o Webster's Third International Dictionary, em edição de 1961 apresenta a seguinte definição: “Uso de material de leitura selecionada, como coadjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia”, além de “Guia na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida”, sendo esta última definição adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições.

Aqui percebe-se que foi alargado o uso da biblioterapia para todas as pessoas, além de apontar a importância da leitura dirigida.

Ouakinin (1996) esclarece que a palavra terapia, do grego *therapia*, tem o sentido de velar pelo próprio ser.

Para esse autor, o termo é bem abrangente, pois indica cuidar do ser humano.

Já Caldin (2010) explicita que a palavra terapia, tanto no grego como no hebraico, tem o sentido de atitude preventiva. O terapeuta significava aquele que cuida, e os primeiros terapeutas foram os filósofos – cuidavam do corpo e do espírito. Ocupavam-se do corpo e do sopro da vida que anima o corpo.

Para Seitz (2006, p.158) biblioterapia é:

[...] é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura, planejadas e conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais de comportamento. Devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas.

Essa autora aponta a necessidade de o bibliotecário ter a capacitação para aplicar as atividades de biblioterapia.

A seu turno, Caldin (2001a, p.36) define biblioterapia como:

[...] leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o homem não está mais solitário para resolver seus problemas; ele os partilha com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores.

É depois de uma leitura ou narração que acontece a interação com as pessoas, pois a conversa permite que cada um expresse seus sentimentos. O bibliotecário pode ajudá-las, nesses momentos, com algumas palavras de carinho e demonstração de afeto, mostrando-lhes que não estão sozinhas no enfrentamento de seus males.

De acordo com Caldin (2001a, p.37) “Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário” e “no diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento”.

Assim o texto permite abrir caminhos para as mais variadas interpretações e comentários, resultando na criação de novos significados, e diferenças. Ao ler, o indivíduo envolve-se com o texto, e dessa maneira aproximando-se mais de si mesmo.

Segundo Caldin (2011, p.31), “no tocante às palavras, pode dizer que elas nos seduzem se forem harmoniosas e nos convencem se forem arguciosas”.

E complementa:

[...] assim a linguagem deve ser temperada com a leveza das palavras e a consistência das ideias. As palavras podem ferir e podem curar. Porquanto age, se movimenta, se modifica, a linguagem necessita de um agente – o corpo. É justamente a capacidade de cura e a intercorporiedade da linguagem, que envolve os vestígios corporais do autor no texto, o corpo anônimo e impessoal do texto e enfim, um corpo que a este se empresta: o do leitor (narrador ou dramatizador), o foco investigativo da biblioterapia. (CALDIN, 2011, p.31).

Caldin (2011) aponta a importância do modo e falar, do poder das palavras e da presença do leitor, do narrador ou dramatizador na biblioterapia, pois o objetivo das atividades biblioterapêuticas é curar, cuidar do ser.

Pode-se listar outros objetivos: a possibilidade de se conhecer e sentir experiências sem a necessidade de vivenciá-las; a compreensão de problemas sociais de diferentes épocas; a diversificação de interesses e a liberdade de escolha; o acesso a informações sobre costumes de outras regiões; a amplitude da visão e do conhecimento de diversos pontos de vista; o aumento da auto-estima e a diminuição da timidez; o clareamento dos problemas difíceis de serem conscientizados pelo indivíduo; o desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis; o estímulo a criatividade; a facilitação da participação na vida comunitária; a satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais; a aquisição de conhecimentos para a vida profissional, e o desenvolvimento da capacidade de crítica. (RATTON, 1975).

Percebe-se, nesse rol de benefícios da biblioterapia, que as obras literárias são as indicadas para que os mesmos sejam alcançados, pois a literatura tem o poder de libertar sentimentos e emoções. Livros didáticos ou informativos não atingiriam os objetivos da biblioterapia, pois apresentam linguagem técnica e utilitária.

Para Shrodes (apud CALDIN, 2001a, p.35) “[...] a literatura de ficção é a mais indicada para garantir uma experiência emocional do leitor, efetivando a terapia de introspecção, capaz de efetuar mudanças.”

Caldin (2001b) explicita que Shrodes foi a pioneira no estudo da biblioterapia, sendo a primeira a defender tese sobre o assunto e a apontar a ficção

como a mais indicada para atingir emocionalmente o leitor. Muito embora Shrodes tenha falado na introspecção como um dos objetivos da biblioterapia, pode-se listar outros também.

Caldin (2001a) destaca alguns objetivos da biblioterapia:

- a) Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para o problema;
- b) auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções alheias;
- c) ajudar o leitor a usufruir a experiência vicária;
- d) possibilitar a introspecção emocional, a identificação, a compensação e a catarse;
- e) diminuir a ansiedade pela satisfação das necessidades estéticas;
- f) aliviar as tensões diárias;
- g) ajudar na adaptação a vida hospitalar;
- h) facilitar a socialização pela participação em grupo;
- i) experimentar sentimentos e emoções com segurança;
- j) criar um universo independente da vida cotidiana;
- k) auxiliar e lidar com sentimentos como raiva ou frustração;
- l) diminuir o stress.

Os objetivos, listados por Ratton (1975) e Caldin (2001a) podem ser alcançados mediante os componentes biblioterapêuticos.

2.2.3 Componentes biblioterapêuticos

De acordo com Caldin (2001a) são componentes biblioterapêuticos: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e, por último, a introspecção. Cada componente biblioterapêutico será explicado melhor a seguir.

O primeiro elemento a ser apresentado é a catarse e talvez o mais significativo.

Segundo Caldin (2001a) a catarse é um elemento despertado em quase todas as histórias; originalmente atribuída apenas à tragédia, por Aristóteles, hoje se entende que seu alcance atinge qualquer gênero literário. É, de fato, uma purgação. Por isso a autora afirma que os contos de fadas são os mais indicados, pois contém personagens como o lobo, a bruxa, o ogro que causam medo e que, ao ser vencidos, causam alívio ao leitor ou ouvinte.

Conforme Caldin (2001b) a catarse pode ser considerada a justa medida dos sentimentos, pois, ao produzir os sentimentos e depois os moderá-los, purifica as emoções.

Assim é que certos textos considerados assustadores pelos adultos não causam malefícios às crianças; ao contrário, ajudam-nas a extravasar o medo e a purgar as emoções.

Segundo Held (1980), o fantástico não é traumatizante para as crianças, mas catártico.

A autora defende que histórias que assustam permitem que as crianças se libertem do medo – são, portanto, catárticas.

E Bettelheim (2007) advoga que mitos dramatizados despertam emoções e podem provocar a catarse.

O segundo componente biblioterapêutico é o humor.

Caldin (2001a, p.38) diz que “Ao buscar em Freud apoio teórico para a compreensão do humor, observa-se que o humor se configura como um triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer”.

Freud (1969 apud CALDIN, 2001a, p. 38) diz que o “[...] humor é, pois, a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer”, é “a ação do super ego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor.”

Assim, qualquer história que provoque o riso, é indicada nas atividades biblioterapêuticas, pois o humor é benéfico para a saúde.

Isso é corroborado por Cunha (2005, p.81- 82):

Para a criança, a linguagem é um “espaço” privilegiado para a apreensão e compreensão do mundo. Por isso, brincar com palavras é uma atividade natural, que ela faz com prazer e por prazer. Não é à toa que trava-línguas, parlendas e outros jogos da tradição oral são tão populares entre os pequenos de todas as partes do mundo. Carmen Surrallés, escrevendo sobre o humor na literatura infantil espanhola, lembra que a literatura de tradição oral, “apesar de sua aparente simplicidade e transcendência”, consegue dar conta das necessidades físicas e psicológicas das crianças, e para isso sempre esteve impregnada de humor, desse humor a que se alimenta das ‘bobagens’, das descrições hiperbólicas e das palavras que atraem pela sonoridade.

O terceiro componente é a identificação.

De acordo com Laplanche e Pontalis (apud Caldin, 2001a, p. 39) a identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro.”

A identificação, portanto pode ocorrer com os personagens da história, ou mesmo com a situação que contextualiza e envolve o texto. Acrescenta-se então a ideia de que a criança pode ainda obter um alívio a partir de certas ações das histórias, relacionando ao fato de se sentir menos sozinha em sua angústia ou tristeza.

Segundo Caldin (2009, p.171) “É certo que nas crianças a relação de identificação é mais forte que nos adultos, haja vista que se encontram no estágio inicial de desenvolvimento social”.

As crianças se identificam mais com os personagens das histórias, pois estão naquela fase de descobertas da vida social, se imaginam no lugar dos próprios personagens, ou por algum fato ter alguma semelhança na sua própria vida.

“Embora esse processo de identificação ocorra mais facilmente com as crianças, isso não é um privilégio delas, podendo ocorrer com adultos, jovens e idosos. A narrativa ficcional é permeada de sentimentos comum a todos, independente da idade do leitor ou ouvinte” (CALDIN, 2009).

Bettelheim (2007) advoga que a identificação acontece apenas com o personagem principal da história e outros psicólogos também pensam dessa forma.

Entretanto, Caldin (2009) afirma que os personagens secundários também têm as suas torcidas nas platéias, sejam eles bons ou maus. O porquê dessas escolhas não se sabe, mesmo porque o processo de identificação é inconsciente. O importante é que a escolha feita tenha propiciado ao leitor colocar para fora emoções, trazendo o alívio desejado.

Cabe, agora, falar na introjeção.

De acordo com Laplanche e Pontalis (apud CALDIN, 2001a, p. 39) a introjeção constitui-se em um processo evidenciado pela investigação analítica: “[...] o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para dentro, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”. Esse é o quarto elemento dos componentes biblioterapêuticos.

O quinto elemento constitui-se na projeção.

Segundo Laplanche e Pontalis (apud CALDIN, 2001a, p. 39) a projeção é, "[...] no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo 'objetos' que lê, desconhece, ou recusa nele próprio".

A introjeção e a projeção derivam-se da identificação, são inconscientes. Isso quer dizer que a pessoa ora apreende qualidades dos personagens, ora despeja no personagem ficcional o que considera serem defeitos.

O sexto e último componente biblioterapêutico é a introspecção.

Segundo Michaelis (apud CALDIN, 2001a, p. 39), a introspecção, é a "[...] descrição da experiência pessoal em termos de elementos e atitudes" a "observação, por uma determinada pessoa, de seus próprios processos mentais". Dessa forma, a leitura, ao favorecer a introspecção, leva o indivíduo a refletir sobre os seus sentimentos – o que é terapêutico, pois sempre desponta a possibilidade de mudança comportamental.

Para Caldin (2010) a introspecção é considerada terapêutica quando o sujeito muda o seu jeito de ser, ao verificar que as atitudes do personagem são parecidas com as suas, e que tais atitudes prejudicam a convivência em sociedade. Ao operar essa transformação, o leitor ou ouvinte sente-se muito melhor. Outro sentido terapêutico da introspecção acontece quando o leitor ou ouvinte percebe, por meio dos personagens, que ele não é o único a ter defeitos. Ao reconhecer que todos têm defeitos, o sujeito aceita-se melhor e passa a entender melhor os outros.

Assim, cabe verificar como valer-se dos componentes biblioterapêuticos nas diversas modalidades de aplicação da biblioterapia.

2.3 MODALIDADES DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA

A seguir, serão arroladas modalidades de aplicação da biblioterapia, como a leitura, a narração e a dramatização de histórias.

2.3.1 Leitura

A leitura é indispensável para o desenvolvimento do ser humano. Isso implica na afirmação de que a leitura não se configura como o mero decifrar de um código escrito, mas como um processo que permite ao indivíduo extrair conteúdos e dar vazão a múltiplas interpretações.

A leitura é um dos instrumentos essenciais para que o indivíduo construa seu conhecimento e exerça a cidadania. Ela amplia o entendimento do mundo, propicia o acesso à informação com autonomia, permite o exercício da fantasia e da imaginação e estimula a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias. A leitura é vista em seu significado mais amplo e pode ser entendido como atribuição de sentidos (SANTORI; GRANDO, 2005).

No presente trabalho, se tratará da leitura com finalidade terapêutica, ou seja, para desenvolver a imaginação e a fantasia.

No dicionário Aurélio (p.331, 1993) pode-se ler a seguinte definição de leitura: *“Leitura s.f. 1. Ato, arte ou hábito de ler. 2. Aquilo que se lê.*

A citação apresenta a leitura como ato, como arte e como hábito. Como ato, indica que existe um objetivo quando a pessoa lê; como arte aponta a possibilidade de criação; como hábito pretende que a leitura seja um exercício contínuo.

A alfabetização, apesar de ser um componente essencial para a formação de leitores, não é suficiente para garantir a evolução da leitura numa sociedade, ou seja, para conduzir a práticas leitoras. Cabe, em particular, às escolas, fazer da leitura um ato e uma arte: assim estarão fomentando o gosto de ler.

Por meio da leitura e de atividades lúdicas, é possível construir um processo interativo de valores, ações e sentimentos, voltado à harmonia e equilíbrio do crescimento e desenvolvimento pessoal (CASTRO; PINHEIRO, 2005).

Os autores apontam a ligação entre leitura e atividades lúdicas. Se for apresentada como um jogo, a leitura será prazerosa.

De acordo com Miranda (p.84, 2006):

A biblioterapia faz parte da leitura orientada, onde a responsabilidade do bibliotecário está em selecionar textos, livros, filmes e outros materiais como a poesia, o drama, o humor, que sejam do interesse dos participantes. Sua

função é afetar o ajustamento do indivíduo ao texto lido, com a finalidade de depurá-los de qualquer excesso para que causem efeito moderador nos conflitos como meio de superar o medo, as inseguranças, as ansiedades peculiares a cada pessoa, proporcionando bem-estar na diminuição do stress causado por doenças ou problemas emocionais não resolvidos. Chegando-se então à catarse que é a justa medida dos sentimentos e de seu fator moderador. Tem-se também o riso como moderador dos conflitos, do estresse e do alívio da depressão e das angústias.

A biblioterapia é um processo terapêutico no qual se utiliza a leitura de diversos materiais selecionados de acordo com o público que se pretende atingir. Por isso o profissional que irá realizar essa atividade deve estar atento ao tipo de público e na seleção dos materiais para obter os efeitos desejados favorecendo o crescimento e desenvolvimento pessoal e, acima de tudo, proporcionando a catarse.

Segundo Coelho (2000, p. 34-35) o leitor iniciante (entre os 6 e 7 anos), está na “fase de aprendizagem da leitura, na qual a criança já reconhece, com facilidade, os signos do alfabeto e reconhece a formação das sílabas simples e complexas”; nessa fase, “a presença do adulto, como ‘agente estimulador, faz-se ainda necessária, não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro”, mas “também para estimulá-la a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão as portas do mundo da escrita.”

E continua: “nessa fase, a criança é atraída particularmente pelas histórias bem humoradas em que a astúcia do fraco vence a prepotência do forte; ou em que a inteligência vence o mal”; hoje “a literatura para crianças enfatiza especialmente o fenômeno do pensar, do sentir e do querer, em sua necessária complementariedade” (COELHO, 2000, p. 36).

Às crianças nessa idade por estarem em fase de alfabetização, a leitura de histórias como, por exemplo, contos de fadas, histórias humorísticas de livros informativos, serve como oportunidade para iniciá-las na literatura, ampliando e enriquecendo as suas experiências. (KUHLTHAU, 2006).

A leitura freqüente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita. Aproxima o leitor com o mundo da escrita, facilitando a alfabetização. Ler também é importante porque ajuda a fixar a grafia correta das palavras. Mas, quando se fala em leitura na biblioterapia, busca-se sempre focar o estímulo à imaginação e às emoções.

De acordo com Caldin (2001a, p. 32),

a função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções. Remotando a Aristóteles observa-se que o filósofo analisa a liberação da emoção resultante da tragédia – a catarse. O ato de excitação das emoções de piedade e medo proporcionaria alívio prazeroso. A leitura do texto literário, portanto, opera no leitor e no ouvinte o efeito de placidez, e a literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa.

O ambiente escolar é um ótimo lugar para aplicar a biblioterapia, ouvindo histórias as crianças desenvolvem a imaginação, observação, linguagem oral e escrita, prazer pela arte, habilidade de dar lógica aos acontecimentos além de estimular o interesse pela leitura. Uma das funções da leitura como prática terapêutica é a moderação das emoções pela catarse.

Nesse sentido, os contos de fadas são excelentes para leitura terapêutica, por meio deles a criança pode aprender sobre os problemas dos seres humanos, e encontrar soluções para as dificuldades encontradas na sociedade. Esse tipo de história apresenta as emoções, agruras, desafios e enfrentamentos vividos pelas personagens ficcionais, que servem de modelo para as crianças.

A vida é complexa para a criança, é preciso dar a essa criança a oportunidade de se entender melhor. A criança precisa de ajuda para entender os seus diversos sentimentos. (BETTELHEIM, 2007).

O autor enfatiza o valor da narração de uma história. É o que será abordado na seqüência.

2.3.2 Narração

Narrar histórias é uma das artes mais antigas do mundo. Desde os primórdios é que se ouvem histórias. A fonte natural era o próprio povo, que ao sentir a necessidade de explicar fatos que causavam medo, admiração, felicidade, viu a necessidade de transmitir aos outros valores, costumes e crenças de seus heróis. A partir daí, determinadas pessoas acabaram criando situações, sonhos, lugares e transformando em histórias e lendas, que foram repassadas de geração a geração, por meio da narração. Narrar é uma arte muito rica, pois o narrador tem

que saber transmitir valores, costumes ou crenças de uma maneira sutil e prazerosa aos ouvintes.

Segundo Fleck (2007, p. 219),

desde sempre, o homem contou histórias, deu vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias, angústias e prazeres de sua existência.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIM, 1994).

Benjamin (1994, p. 204) fala que,

nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica”. E continua, “Quanto maior a naturalidade com o que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de reconta - lá um dia.

O narrador da história terá que ser o mais natural possível, fazendo assim com que todos os ouvintes prendam-se na história e assimilem a sua própria experiência.

De acordo com Trajano (2007, p.18),

[...] quem narra sempre coloca um pouco de si na narrativa. A narrativa nunca está sozinha. Ela vem sempre acompanhada pela vontade de narrar, pela experiência, pelo amor, pela habilidade e principalmente pelo segredo da tradição. O segredo que cada narrador possui para temperar a sua narrativa e aquecer os corações dos ouvintes. Os narradores experientes de que trata Benjamin no seu ensaio “O narrador” nada mais são do que aqueles que se infiltraram no seio do seu povo e colheram as suas histórias para mais tarde contá-las de acordo com a sua sabedoria. O saber do narrador se mistura à narrativa criando metáforas encantadoras e maravilhosas capazes de vislumbrar a alma do ouvinte.

A narração está vinculada a nossa vida, pois sempre temos algo a contar. Narrar é relatar fatos e acontecimentos, reais ou fictícios, vividos por indivíduos, envolvendo ação e movimento.

As habilidades de um narrador ao contar histórias são aprimoradas com o tempo e a prática. Ao realizar uma narração, a simplicidade do narrador é

fundamental, o interesse pela leitura e a vontade de transmitir aos ouvintes as emoções das histórias são indispensáveis.

Trajano (2007, p.27) lembra que:

Era sempre a oralidade o elemento fundamental da contação de histórias. Não havia livros com figuras. A imaginação fluía. Era olho no olho. O improvisado era uma arte e dava um sabor especial à história. O contador de histórias era um verdadeiro mestre da narrativa. Conhecedor das mais diversas histórias passadas de geração em geração guardava tudo na memória. O mais interessante de tudo isso, era a forma como o contador de histórias se deixava levar pela contação: uma coisa que parecia muito risonha ou amedrontadora, por exemplo, o contador não demonstrava nenhum sinal de riso ou medo, contando a história naturalmente. Enquanto, as crianças riam ou se assustavam o contador estava lá, tranquilo, apenas narrando à história.

Ao contar uma história, o narrador desempenha várias funções. Tem que apresentar as personagens, a sequência dos fatos, descrever o ambiente em que eles se passam explorar os mínimos detalhes, transmitindo isso de uma forma natural ao leitor/ouvinte.

O narrador é o intermediário entre a narrativa e o ouvinte. Ele coloca o universo ficcional diante dos olhos do leitor.

Trajano (2007) enfatiza que “O bom narrador guarda acontecimentos e saberes na memória e os transmite de forma oral ou escrita com uma grandeza infinita de emoção e sabedoria”. E continua:

A tradição necessita da experiência. O narrador que procura falar de algo desconhecido não conseguirá transmitir exatamente o que quer, pois lhe falta a experiência da tradição. Quando vivemos sem pressa, ouvindo os outros, contando coisas e observando o que está ao nosso redor, ganhamos experiência e assim podemos relatar essa vivência com clareza. (TRAJANO, 2007, p.17)

Assim, o narrar implica também saber escutar, em compartilhar.

Para Girardello (2007, p. 02),

Mesmo quando só uma pessoa fala, a narração oral é sempre uma forma dialógica, ainda mais do que na literatura, campo onde já está bem estabelecido que o leitor nunca é passivo. Durante a narração, a troca não ocorre apenas no plano da linguagem, mas também através do ar: pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage pela vibração motriz involuntária – arrepios, suspiros, sustos – causada pelas emoções que a história desencadeia.

A atividade de contar histórias é presença marcante nas creches e pré-escolas, pois ela incentiva a imaginação e a leitura, expandindo assim o repertório cultural das crianças.

Girardello (2007, p.1) continua:

A narrativa chega cedo à vida da criança, já em seus primeiros dias de vida. Chega através do padrão musical regular dos acalantos, que, como as histórias, se abrem e fecham nitidamente, contendo em si um mundo particular. Chega através das letras das cantigas que tantas vezes contam histórias, como *O Cravo brigou com a Rosa*, *Ciranda Cirandinha*, *A Canoa Virou e Atirei o Pau no Gato*, para ficar nos exemplos mais óbvios. Chega através das canções que marcaram a infância e a juventude da mãe e do pai que a embalam no colo, selecionadas de um arquivo pessoal de favoritas aprendidas também no rádio e na TV.

Assim, nos lares já começa o encanto das narrativas à criança, a maioria das vezes musicalizada e em forma de brincadeiras.

Para a contadora de histórias Felícia Fleck (2007, p. 221),

a contação pode complementar-se também com a utilização de outras artes como a música, a dança, a poesia, a declamação, a mímica, as artes plásticas..." e continua, "não existem regras fixas, alguns utilizam elementos, outros preparam cenários e figurinos sofisticados, enquanto há aqueles que utilizam somente a sua própria voz com grande maestria e são capazes de manter a platéia atenta por bastante tempo.

Além da narração, uma outra forma de aplicar a biblioterapia com crianças é a dramatização, o que será apresentado na seqüência.

2.3.3 Dramatização

A palavra "teatro" deriva dos verbos gregos "ver, enxergar", lugar de ver, ver o mundo, se ver no mundo, se perceber, perceber o outro e a sua relação com o outro. Dessa forma, de acordo com a visão pedagógica, o teatro tem a função de mostrar o comportamento social e moral, através do aprendizado de valores e no bom relacionamento com as pessoas. (ARCOVERDE, 2008).

Muito embora tenha função social, o teatro desempenha importante função lúdica, que não deve ser desprezada.

Arcoverde (2008, p.601) enfatiza que:

Trabalhar com o teatro na sala de aula, não apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas representá-las, inclui uma série de vantagens obtidas: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a impostação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a se desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento.

A dramatização ou apresentação teatral na escola é de grande valia, porque possibilita uma melhor compreensão dos conteúdos, além de promover uma socialização, aumento da criatividade, memorização, entre outros fatores positivos na construção do conhecimento.

De acordo com Arcoverde (2008, p.602),

[...] na realização de cenas dramáticas destaca-se o exercício de fazer de conta, fingir, imaginar ser outro, criar situações imaginárias, etc. São atitudes essencialmente dramáticas criadas pelo homem para desenvolver habilidades, capacidades e provir sua existência. Atuamos todos os dias, em casa, na escola, no trabalho, assumimos papéis sociais constantemente em nossas vidas, como o de pai, mãe, filho, aluno, professor, de acordo com o ambiente assumimos personagens sociais reais. A atuação é o meio pelo qual nos relacionamos com o outro. O processo dramático é considerado um dos mais vitais para os seres humanos.

Assim, é benéfica a dramatização de histórias para crianças.

Para Moreno e Amodeo (2010, p.5-6),

a simples transformação de um texto narrativo em cenas teatrais realiza a materialização das ações das personagens e dos enredos. O espectador, ao visualizá-las, tem uma representação ao vivo, que pretende imitar o real, o que pode facilitar a sua adesão. Essa associação entre linguagem verbal escrita dos contos de fadas e teatro, ao mesmo tempo que promove uma rerealização do texto-base, que já guarda certa familiaridade com a oralidade dos primórdios, associa-se ao processo de hibridização e transformação dos gêneros literários - muito comuns nos tempos que correm.

Muitas escolas usam o teatro como fonte pedagógica. Ao levar os alunos para assistirem a um espetáculo infantil, as instituições procuram produções que

possuam algum tipo de ensinamento que proporcione o “crescimento psicológico e intelectual das crianças.” (FERREIRA, 2006, p.17).

Entretanto, o teatro pode e deve ser usado como função terapêutica lúdica, auxiliando na memorização das histórias e proporcionando uma interação maior com os personagens.

“O dramatizar, isto é, a arte de representar, não prescinde do texto literário. O teatro traduz em palavras o que estava escrito”, os “personagens falam e agem conforme o texto que o autor montou, pois, para passarem a mensagem do poeta, necessitam do enredo – que significa texto escrito”. (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p.401).

Arcoverde (2008, p.603) fala que o trabalho cenográfico,

[...] permite o desenvolvimento do pensamento reflexivo sobre a sua obra, por exemplo: ao criar o cenário que representa o lugar onde acontece a cena: lugar geográfico, lugar social, lugar geográfico e social ao mesmo tempo. O cenário também pode significar o tempo: época histórica, estações do ano, certa hora do dia. Assim, a função do cenário é a de determinar a ação no espaço e no tempo para que o espectador possa entender os acontecimentos. Ao interpretar, o personagem utiliza a palavra, que possui funções variadas de acordo com o gênero dramático, o modo literário ou teatral, etc. A participação no teatro é a sua essência.

A citação destaca a função do cenário como propiciador do entendimento de conteúdos históricos, geográficos e sociais apresentados na dramaturgia.

A autora ainda mostra a importância de uma boa estrutura da peça teatral, principalmente à destinada ao público infantil:

O objetivo do texto é proporcionar a eficácia da peça, dessa forma, o texto deve ser bem formulado e diálogos bem estruturados. Com relação ao teatro infantil, a ação dramática, como característica do teatro, deve ser observada seguindo os mesmos critérios de avaliação de peças para adultos, como por exemplo: estrutura da peça, articulação dos atos, cenas principais e caracterização das personagens. A estrutura da peça apresenta três elementos: exposição, conflito e desenlace. A exposição é a parte em que o público toma conhecimento dos acontecimentos. No conflito, os problemas descritos na exposição chegam ao clímax, aumentando tensões. O desenlace é o moderador da tensão, sendo provocado pela resolução do problema. (ARCOVERDE, 2008, p.603).

A autora ressalta que o teatro precisa ser levado à sala de aula como arte, assumindo o seu papel como obra de arte. Através dele, a criança vai se deparar com uma das mais antigas manifestações culturais, e diante dessa manifestação

cultural, aprenderá e verá que o teatro discute sempre as questões existenciais do homem no mundo. É dentro dessa perspectiva que o teatro tem a sua função estética, catártica, questionadora, transformadora, política e social – uma obra de arte enquanto atividade artística que expressa o homem e os seus sentimentos. (ARCOVERDE, 2008).

Assim, é pertinente utilizar a dramatização nas atividades de biblioterapia.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para entender o problema e alcançar os objetivos propostos para a pesquisa, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: a escolha do tipo de pesquisa; a caracterização do campo; a coleta, análise e a interpretação dos dados.

3.1 ESCOLHA DO TIPO DE PESQUISA

Para atingir o objetivo geral da pesquisa, isto é, aplicar a atividade biblioterapêutica na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, especificamente com os alunos do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos, e, segundo, os objetivos específicos: proporcionar a catarse; favorecer a identificação com as personagens ficcionais; estimular a criatividade e a imaginação; proporcionar lazer e diversão e por último favorecer o riso, utilizou-se vários autores que discorrem sobre a escolha dos procedimentos metodológicos.

Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa foram: pesquisa descritiva, pesquisa bibliográfica, estudo de caso, pesquisa de campo, observação direta intensiva. Cada procedimento será especificado melhor a seguir.

Foi feita uma pesquisa descritiva, pois se teve o objetivo de identificar as características de um determinado problema ou questão e descrever o comportamento dos fatos e fenômenos estudados. (MULLER, 2007).

Descreveu-se todas as sessões de biblioterapia e a reação do público-alvo, bem como a análise das atividades. Para tal, foi necessário embasamento teórico, e, por esse motivo, também se configura como uma pesquisa bibliográfica.

Cervo e Bervian (1983, p. 55) definem a pesquisa bibliográfica como a que,

[...] explica um problema a partir de referências teóricas publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre determinado assunto, tema ou problema.

Assim, a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para uma investigação; após a escolha do tema é necessário fazer uma revisão sobre o que já foi escrito sobre o tema abordado.

De acordo com Lakatos (1985), pesquisa bibliográfica trata do levantamento de toda bibliografia já publicada e que tenha relação com o tema em estudo. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o escrito sobre determinado assunto.

Por esse motivo buscou-se apoio teórico para as atividades de biblioterapia.

A pesquisa caracterizada como estudo de caso se concentra em um único caso, o que permite aos pesquisadores aprofundar os conhecimentos a respeito de determinado fato.

Sobre estudo de caso Gil (1991, p. 58) diz que:

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados.

A vantagem do estudo de caso é que ele pode ser implementado por um único pesquisador. A acadêmica implementou sozinha as sessões de biblioterapia com o mesmo público-alvo: crianças do primeiro ano, com idade entre 6 e 7 anos, da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. Como as atividades de leitura, narração, ocorreram *in loco*, a pesquisa foi de campo.

De acordo com Lakatos (1985, p. 167),

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. A pesquisa de campo não se limita à simples coleta de dados, que é uma das suas fases, mas requer uma série de procedimentos preestabelecidos para conseguir determinado resultado.

O interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade.

Andrade (1994, p. 111) ainda falando sobre pesquisa de campo diz que,

o desenvolvimento de uma pesquisa de campo exige um planejamento geral e um plano específico para a coleta de dados, bem como um relatório descrito das várias etapas da pesquisa, incluindo os resultados obtidos.

Todas as atividades biblioterapêuticas realizadas na escola, bem como a reação dos alunos, foram registradas por meio de gravações e anotações. Além disso, fez parte da metodologia a observação direta intensiva.

Segundo Andrade (1994, p.109) a “[...] observação direta intensiva baseia-se nas técnicas de observação propriamente dita”.

Sobre a observação, Lakatos (1985, p. 169) diz que:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenham papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social.

Para este estudo foi realizada uma pesquisa sobre um fenômeno em seu contexto real, através de uma exploração intensiva de uma única unidade de estudo. A acadêmica esteve todos os dias agendados na escola.

Foram realizadas dez sessões de biblioterapia, uma vez por semana, sendo que o dia da semana escolhido foi toda sexta-feira, no período vespertino, com início às 13 horas, com duração de 30 minutos cada, totalizando 10 semanas.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

Para caracterizar o campo de pesquisa, deve-se primeiro tentar definir tal expressão.

Bessa (2011), baseando seus estudos em Cruz Neto e Minayo, esclarece que o campo de pesquisa é um recorte feito pelo pesquisador para estudar bem o assunto proposto.

O campo de pesquisa foi composto por uma escola da rede municipal de Florianópolis, localizada na cidade de Florianópolis e subordinada à Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.

Esta escola foi selecionada porque a acadêmica fez estágio na biblioteca da escola por 6 meses, tendo conhecimento do ambiente escolar, dos profissionais que atuam no local e principalmente por ter tido contato com os alunos.

De acordo com Vergara (2002 apud BESSA, 2011, p. 89), a população da pesquisa é composta por um conjunto de elementos, como por exemplo, pessoas, que possuem as características que serão objeto de investigação.

Dessa forma, a população estudada foi composta por uma turma de 25 alunos do 1º ano do ensino fundamental, entre 6 e 7 anos de idade, matriculados no período integral.

Para preservar a identidade das crianças, optou-se pelo uso de letras do alfabeto. No caso de mais uma criança ter seu nome iniciado com a mesma letra, o critério adotado foi utilizar após essa, um numeral. Exemplo: A1, A2.

3.3 COLETA DE DADOS

Antes de se iniciar as sessões de biblioterapia no campo da pesquisa, ou seja, na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz da rede municipal de Florianópolis, foi agendado um primeiro contato com a diretora da escola para autorização da pesquisa de campo e escolha da turma que a formanda iria trabalhar.

Assim, para o desenvolvimento desta atividade, entrou-se em contato com a direção da escola para informar sobre os objetivos da pesquisa, inclusive com a carta de apresentação elaborada pela Comissão Permanente da Secretaria Municipal de Educação que comunicava sobre os fins estritamente acadêmicos e científicos da pesquisa de campo que seria realizada com alguma turma do primeiro ano da Escola. Dessa forma, a pesquisadora combinou com a direção da Escola os detalhes do procedimento de coleta de dados, o que envolvia horário e a turma que seria objeto de pesquisa.

Depois de autorizada e definida a turma, a acadêmica teve um primeiro contato com a turma para se apresentar e ter uma conversa com a turma para que todos ficassem cientes das atividades que seriam desenvolvidas.

A coleta de dados foi obtida por meio de observação do comportamento das crianças. Também foi feita a descrição e análise da reação das crianças buscando maior compreensão do assunto pesquisado.

As histórias foram previamente selecionadas para as atividades biblioterapêuticas, de acordo com a faixa etária das crianças (6 e 7 anos) e a conversa que a acadêmica teve com as crianças antes da primeira sessão. As histórias foram lidas e narradas, seguidas de atividades lúdicas.

3.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Toda pesquisa exige que os dados coletados e os resultados alcançados sejam analisados e interpretados.

Bessa (2011, p. 95) afirma que “a análise e interpretação dos resultados é considerada uma das etapas mais significativas da pesquisa científica”, pois é nesta etapa “que se apresenta a compreensão do problema e se verifica se os objetivos foram cumpridos.”

Segundo Gil (1991, p.102),

Após, ou juntamente com a análise, pode ocorrer também à interpretação dos dados, que consiste, fundamentalmente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, que sejam derivados de teorias, quer sejam de estudos realizados anteriormente.

A abordagem foi qualitativa, pois o objetivo do estudo é observar e analisar as reações das crianças individualmente e em grupo, dispensando-se os dados estatísticos.

Richardson (1999, p. 80) menciona que “[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”.

Na pesquisa qualitativa concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado. A abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo.

4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES BIBLIOTERAPÊUTICAS

Ao começaram as aulas na rede municipal, em fevereiro de 2012, a pesquisadora entrou em contato com a Escola para ver a possibilidade de se fazer as atividades com alguma turma do primeiro ano. A diretora, Sra. Marcela foi atenciosa e mostrou-se muito interessada no Projeto da acadêmica. O primeiro passo seria pegar um encaminhamento com o setor responsável pelas pesquisas de Tcc's nas redes de ensino. Foi entregue o Projeto de Atividades Biblioterapêuticas e a Declaração da professora Clarice Fortkamp Caldin, orientadora da pesquisa. Depois do aval da direção da instituição, a pesquisadora voltou à escola para fazer contato com a turma sugerida pela Coordenadora de Ensino da Escola.

O primeiro contato com as crianças deu-se no dia 25 de fevereiro. A acadêmica foi apresentada à turma pela professora Vera. Foi estipulado o horário e o dia junto à professora. Ficou estabelecido que a acadêmica iria na sexta-feira fazer as atividades, no primeiro horário da tarde. A acadêmica foi bem recebida na sala e fez uma breve apresentação. As crianças ficaram muito animadas e queriam que a acadêmica começasse no mesmo dia. Foi questionado o interesse de leitura de cada um, quais as histórias que mais gostavam e se algum familiar contava histórias para elas em casa. Todos queriam falar ao mesmo tempo, então foi sugerido que quem quisesse falar levantaria o dedo. Cada uma falou um pouco, da história que mais gostava. Os três porquinhos e Chapeuzinho vermelho foram citados como os clássicos mais populares; a maioria também comentou que os pais contam histórias para elas na hora de ir dormir. O gosto da leitura das crianças foi sendo observado pela acadêmica; isso ajudou nas escolhas das histórias.

As atividades foram desenvolvidas uma vez por semana, sempre com a mesma turma. Foi decidido que as atividades seriam feitas na própria sala de aula.

A seguir, o relato de atividades realizadas nas dez semanas de encontros com as crianças, e as descrições e observações do método biblioterapêutico por meio da leitura e narração. Não foi utilizado o recurso da dramatização. Em todos os encontros a leitura e a narração de histórias foram realizadas pela formanda Daiana de Lima, denominada, daqui em diante, narradora, formanda, acadêmica, pesquisadora, aplicadora das atividades biblioterapêuticas.

1º Encontro – No dia 02/03/12 realizou-se o primeiro encontro de biblioterapia. A história escolhida para dar início à atividade foi “A festa no céu”, autoria de Ângela Lago.

Um pequeno resumo da história: O assunto em alta era à festa no céu, na qual só entrariam os animais que voassem. Os bichos que não tinham asas ficaram revoltados por não poderem ir à festa, especialmente a tartaruga. Mas ela não desistiu: teve uma grande ideia, entrou escondida dentro do violão do urubu que ia tocar na festa. Na volta, a tartaruga fez a mesma coisa, entrou no violão do urubu e em pleno voo o urubu acabou virando o violão e a tartaruga se esborrachou no chão. Os bichos que ficaram na terra ajudaram a tartaruga a colar o seu casco. E é por isso que a tartaruga ficou com aquele lindo casco retalhado.

As crianças esperavam ansiosas pela acadêmica. Quando a acadêmica chegou estavam todas sentadas nos seus lugares. Foi feita uma conversa rápida, e a distribuição de crachás para identificá-las melhor. Logo em seguida a acadêmica pediu que as crianças sentassem em um tapete que tinha na própria sala, todas aceitaram na hora, foi iniciada a história. Narrou-se a história com o auxílio do livro que era muito bem ilustrado, a acadêmica mostrava as imagens de cada acontecimento. As crianças mostravam-se muito atentas e queriam saber logo o desfecho da história. Muitas se encantaram com as ilustrações dos animais, principalmente da tartaruga. Mostravam-se curiosas no decorrer da história e queriam logo saber como que a tartaruga foi parar na festa do céu, pois ela não tinha asas para voar. Depois da narração foi questionado se elas tinham gostado da história e todas disseram que sim. Também foi perguntado se elas tinham bichos de estimação em casa e as respostas foram as mais variadas. Cachorro, gato, coelho, peixinho, ramister e até cavalo foi mencionado. Depois da conversa foi proposta uma atividade com as crianças: que elas desenhassem o seu animal de estimação ou alguma personagem da história. Alguns alunos não quiseram desenhar, outros desenharam com grande criatividade. Como pôde ser observado, foi desenvolvida a imaginação. A atividade foi livre, quem quisesse desenhar poderia desenhar e quem não quisesse não precisava. A maioria desenhou e deixou a imaginação fluir. Nesse encontro foi observado que a turma é bem participativa, demonstrando grande interesse pela história e pela atividade desenvolvida.

2º Encontro – No dia 09/03/12 aconteceu o segundo encontro, as crianças estavam todas eufóricas na sala de aula, aguardando a acadêmica. Quando a acadêmica chegou, teve que acalmá-las para dar início à história. As crianças foram direto sentar no tapete e queriam saber qual seria a história do dia. A narradora falou que seria “Os três porquinhos”, autoria de Patrícia Amorim. Muitas disseram que já conheciam a história, mas queriam ouvi-la novamente, porque gostavam muito.

Um pequeno resumo da história: Era uma vez 3 porquinhos, um tinha uma casinha de palha, o outro de madeira e o outro de tijolo. O lobo mau queria pegar os porquinhos para ser seu jantar. Então ele vai de casa em casa assoprar as casinhas para ver se consegue pegar algum porquinho. Ele derruba a casa de palha, a casa de madeira e na última casa ele assopra muito, mas não consegue derrubar. Então o lobo resolve entrar pela chaminé, mas é surpreendido com uma panela de água quente, ele se queima e sai correndo e os porquinhos vivem felizes para sempre.

O menino M começou a cantarolar a música do lobo mau “quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau...” e todas as outras crianças cantaram também. A narradora teve que acalmá-los para poder dar início à narração. Ânimos acalmados, a narradora começou a contar a história e as crianças queriam que chegasse logo a parte do lobo assoprando as casinhas. Estavam muito ansiosas e não queriam esperar chegar até o final, muitas crianças contaram o final da história e não tinham paciência para a narradora poder chegar ao desfecho da narrativa. Destaca-se, nesse encontro, a criatividade das crianças. No final da história as crianças cantarolaram novamente a música do lobo mau. Depois da narração foi realizada uma atividade em que as crianças tinham que pintar o desenho dos três porquinhos.

O menino P não quis pintar o desenho, disse que não estava com vontade. O menino O e o menino L tiveram um pequeno desentendimento, um queria pintar o desenho com os lápis de colorir do colega e o menino O não queria emprestar. A narradora teve que mudar o menino L de lugar. Os demais desenvolveram a atividade sem problemas. Alguns alunos não queriam que a narradora fosse embora, pediram para ficar e contar outra história. Pode-se observar que alguns alunos têm dificuldade de se relacionar em grupo.

3º Encontro – No terceiro encontro, 16/03/12, a formanda chegou à sala e propôs que a leitura seria feita fora da sala de aula, seria no pátio embaixo de uma árvore.

Todas as crianças gostaram da ideia e em fila se direcionaram para lá. A menina K e a menina A queriam ir de mãos dadas com a narradora. As crianças adoraram ficar embaixo da árvore, cada uma foi sentando no chão e estavam eufóricas para saber qual seria a história do dia. Antes de iniciar a história, houve um pequeno problema, alguns meninos não queriam ouvir a narradora, queriam correr pelo pátio e então a professora teve que levá-los de volta para a sala de aula. Depois disso a narradora começou a história que se chamava “Eu não quero tomar banho”, autoria de Julie Sykes.

Conta a história de um filhote de tigre que não gostava de tomar banho, então ele convida seus vários amigos da floresta, como filhote de urso, o macaco, o elefante, o rinoceronte e o pavão para brincar com ele. Mas quando chega a hora de ir tomar banho todos os seus amiguinhos vão, menos ele. Então ele se vê refletido na água do rio e observa que está todo sujo e seus amigos todos limpos, e assim ele resolve tomar banho e percebe que é muito divertido e gostoso tomar banho.

Como o livro é muito bem ilustrado a narradora mostrava as ilustrações, e as crianças ficavam agitadas para ver os bichos que apareciam em cada página; quando chegou à vez do pavão, todas o acharam lindo, e em um coro todas fizeram “óhhh que pavão mais lindo”; o menino A disse que nunca tinha visto um pavão, e ficou bem feliz por ter visto um, a história foi bem divertida e participativa.

As crianças soltaram risadas na hora que o pequeno tigre caiu na água. Todos riram e a menina E disse: “agora ele tomou banho, vai ficar bem limpinho”. A menina J disse que adorava tomar banho. O menino O disse que não gostava de tomar banho e que sua mãe briga com ele quando ele não quer tomar banho. A história rendeu muitos comentários. Muitas crianças se identificaram com o tigre que não queria tomar banho e que com elas também acontecia isso. Terminada a história, a narradora convidou todas as crianças para brincar de *a galinha chocou*. Todas ficaram animadas e logo se levantaram e por conta fizeram a roda para a brincadeira. Todas cantaram a música e se mostraram animadas e participativas. Depois da brincadeira todas voltaram para a sala de aula. Lá a acadêmica conversou com elas sobre os animais que apareceram no decorrer da história. Todos queriam falar. O menino G lembrou de todos. A menina L questionou se o pavão (que aparece na história) sabia voar ou não. Muitas crianças não queriam que a narradora fosse embora e então a narradora falou que semana que vem ela

estaria de volta com outra história e todas ficaram felizes. O menino V perguntou se semana que vem ia demorar para chegar e a narradora disse que não, que ia passar rapidinho. Nesse encontro pode-se observar a presença do humor, do afeto e da identificação com a personagem.

4º Encontro – No quarto encontro 30/03/12, a história escolhida foi “João e o pé de Feijão”, autoria de Cristina Marques.

A história conta que um menino, chamado João, vai ao mercado a mando de sua mãe com o fim de vender uma vaca. Quando a criança chega ao mercado, um estranho lhe propõe cinco feijões mágicos em troca da vaca. João aceita a proposta e retorna para casa com os grãos no bolso. Sua mãe se enfurece pela clara instrução de vender a vaca ter sido ignorada. Fora de si, ela joga os feijões pela janela. Enquanto João dorme, os feijões germinam e dão origem a gigantes pés de feijões. Ao acordar, o menino escala o pé de feijão e encontra um castelo acima das nuvens, lugar habitado por um gigante. João entra escondido enquanto o gigante dorme e consegue salvar uma galinha de ovos de ouro e uma harpa que tocava sozinha. O gigante acorda e tenta pegar João, que sai correndo e desce rapidamente pelo pé de feijão e quando chega em terra firme João corta o pé com um machado e o gigante cai e morre.

Para dar início à história a formanda pediu que todas as crianças sentassem no tapete da sala. Assim foi feito, todas sentaram para escutar a história do dia. Estavam calmas e não houve nenhuma dispersão. Terminada a história a narradora perguntou se elas tinham gostado e todas disseram que sim. O menino O perguntou porque João tinha que vender a vaca, já que era a única coisa que ele e sua mãe tinham em casa e a narradora respondeu que eles tinham vendido a vaca para conseguir dinheiro para comer. Todas ficaram com pena do João. E no final ficaram felizes por João ter conseguido dinheiro para comprar comida. O menino O é muito participativo, ele adora dar opiniões e falar da história quando a narradora termina de narrar. Algumas crianças se mostram muito carentes e querem ficar perto da narradora, algumas meninas como K e A sempre querem sentar ao lado da narradora na hora da história.

A atividade proposta foi que todas desenhassem alguma personagem da história. Todas gostaram da ideia e assim foi feito. A narradora distribuiu folhas e

lápiz de cor. As crianças foram bem participativas todas desenharam sem exceção. Terminado o tempo, a narradora se despediu e disse que voltaria na próxima semana com mais uma história e uma surpresa, já que seria a semana da páscoa. Todas ficaram felizes e curiosas para saber qual seria a surpresa. Despediram-se da narradora e a menina K disse que gostaria que a semana passasse bem rápido para chegar a semana do coelho e todos concordaram.

Nesse encontro foi detectado o componente da catarse, as crianças ficaram aliviadas ao saberem que o gigante morreu e que João conseguiu dinheiro para comprar comida para ele e sua mãe. No final da história quando a narradora disse que João e sua mãe viveram felizes para sempre, todas bateram palmas, demonstrando alívio.

5 ° Encontro – O quinto encontro aconteceu na semana da páscoa, 04/04/12. Como não haveria aula na quinta e na sexta, foi antecipada a sessão de biblioterapia para quarta-feira. As crianças estavam todas animadas para a páscoa. A história do dia seria “Adivinha quanto eu te amo”, autoria de Sam McBratney.

Conta a história de um coelhinho que se esforça para mostrar o tamanho do amor que ele tinha pelo pai. O Coelho Pai entra na brincadeira, mas ambos percebem que não é fácil medir o amor.

E nessa divertida história as crianças entraram no embalo. Ficaram medindo o tamanho dos braços quando o coelho filho falava que amava o pai do tamanho do seu abraço. As crianças pediram para passar o livro para elas, pois queriam ver as figuras de perto. O menino M queria ficar com o livro, mas a narradora disse que não poderia, pois o livro era para ela contar a história para outras crianças também, então o menino M compreendeu e passou o livro para os outros colegas. A menina A e a menina E pediram um abraço para a narradora e disseram que a adoravam e que sempre queriam que ela voltasse para contar histórias.

As crianças foram bem participativas, até demais, pois não paravam de conversar, o que aponta o grande interesse e envolvimento na narrativa. Depois da história, a narradora contou qual seria a atividade que elas iam desenvolver. Cada uma deveria pintar um ovinho de plástico; a narradora comprou os ovinhos e amendoins cobertos de açúcar para colocá-los dentro dos ovos. Todas adoraram a ideia e ajudaram a professora e a narradora a forrar as mesas com jornal. A

professora distribuiu as tintas com o auxílio da narradora. Foi feita uma conversa para que usassem as tintas adequadamente e sem se sujar. As crianças pintaram os ovos sem nenhum problema. Depois de pintados, todos os ovos foram colocados em uma prateleira para secar e depois enchê-los com amendoins.

Nesse encontro percebeu-se o poder de imaginação das crianças, o carinho que é sempre constante, e a identificação com as personagens.

Todas as crianças agradeceram a narradora pela atividade feita com elas e desejaram Boa Páscoa. E, como de costume, foi perguntado qual seria a história e a atividade da semana seguinte, mas a narradora disse que seria surpresa e que elas teriam que esperar até a outra semana.

A narradora encerrou as atividades e despediu-se das crianças. Beijos e abraços são sempre constantes nas sessões de biblioterapia.

6º Encontro – O sexto encontro aconteceu no dia 13/04/12. Foi um dia muito tranquilo, as crianças já estavam em sala quando a formanda chegou. Todas foram sentar no tapete para ouvir a história. Primeiramente a narradora perguntou se elas já tinham escutado aquela história e todas, sem exceção, disseram que não. O título da história era “O Rei Bigodeira e sua banheira”, autoria de Audrey Wood.

Breve resumo: O fanfarrão rei não queria sair da sua banheira. Todos chamavam-no para fazer alguma coisa e nada dele sair. As alternativas foram as mais diversas, chamaram o rei para jantar, para pescar, para guerrear e nada adiantava. O rei continuava em sua banheira. No final o pajem tirou a tampa da banheira e só assim o rei saiu.

Como era um livro muito bem ilustrado, todas as crianças ficaram maravilhadas com as imagens que a formanda ia mostrando ao longo da narração. A cada hora que alguém ia chamar o rei elas ficavam ansiosas para ver se o rei ia sair. O menino L falou: “agora ele tem que sair para pescar, eu adoro pescar com meu pai”.

Na hora do jantar, quando chamaram o rei a menina T falou: “agora ele vai sair, tem que comer e não pode comer tomando banho, faz mal”. Quando chegou ao final da história todas sentiram a alegria de ver que o pajem conseguiu tirar o rei da banheira. Com isso pôde-se observar que foi proporcionada a catarse, pois todas

torciam para que o rei saísse da banheira e ficavam na expectativa de alguém conseguir isso.

A atividade desenvolvida depois da história foi que cada criança usasse a imaginação para criar algum desenho com a massinha de modelar. A formanda distribuiu uma massinha de modelar para cada uma e todas foram participativas na atividade, fizeram vários desenhos com a massinha. Foram muito criativas, a menina S1 fez um chapéu de bobo da corte e disse: “esse chapéu é para o meu amigo”. Outras fizeram uma casa, uma banheira, bichos, como, cobra, caracol, etc. Pôde-se observar que o humor foi constante, as crianças deram boas risadas quando chamavam o rei para sair da banheira e o rei não saía, fazia tudo dentro da banheira. A narradora se despediu e disse que voltaria na próxima semana com outra história divertida.

7º Encontro – O sétimo encontro aconteceu no dia 20/04/12. Quando a formanda chegou à sala, as crianças já estavam todas sentadas no tapete. A história a ser contada era “Uxa, ora fada, ora bruxa”, autoria de Sylvia Orthof. Foi perguntado se elas já tinham escutado essa história e todas disseram que não.

Um pequeno resumo da história: Uxa é uma bruxa que muda muito de opinião e, conseqüentemente, de atitudes. Tem dias em que Uxa concorda com tudo. Nestes dias (dias do “sim”), ela se veste de fada e quer fazer uma porção de bondades. Enquanto que, nos dias do “não”, Uxa volta a ser bruxa e a fazer suas “maldades”. Em meio a toda essa instabilidade comportamental, Uxa encontra personagens (um taxista, um guarda de trânsito e até um príncipe) que serão alvos das suas frustradas tentativas de bondade.

A menina S1 disse que o príncipe não ia querer ficar com a bruxa se ela continuasse má. A menina K e a menina A1 disseram que a bruxa ficava muito bonita quando ela era boazinha e que era para ela continuar assim porque se não ninguém ia gostar dela. Os meninos comentaram sobre a carruagem que virou abóbora e como que ela conseguia andar sendo uma abóbora. No final da história as meninas ficaram todas contentes que Uxa tinha arranjado um príncipe e que agora sim ela teria que virar uma princesa para poder ficar com ele. As crianças se divertiram muito com essa história, pôde-se observar que o humor estava presente em toda a narrativa.

Após a contação, a formanda deu início à atividade lúdica do dia. Foi distribuída uma folha com um desenho de bruxa, sem o rosto; cada criança teria que criar um rosto para ela. A narradora explicou que cada uma fizesse a bruxa que quisesse. As crianças então desenharam lindas bruxinhas. A menina K chamou a narradora até sua mesa e disse: “minha bruxa é linda, e ela é uma bruxa boa.” A menina L disse que a sua bruxa não era bruxa e sim uma fada. As crianças desenvolveram a atividade sem nenhum problema. Terminado o tempo, a narradora recolheu as atividades e se despediu da turma. Como sempre, as crianças demonstraram afeto na despedida.

8º Encontro – O oitavo encontro foi no dia 27/04/12. Nesse dia as crianças estavam muito agitadas. Quando a narradora chegou à sala de aula, foi necessário algum tempo até todas estarem prontas para a história. A história escolhida foi “Quem sou eu?”, autoria de Larrissa Batista.

Este livro apresenta todos os animais selvagens da floresta, todos feitos em dobradura, foi uma novidade para as crianças.

Ao final da história a narradora passou o livro de aluno a aluno mostrando as gravuras. A menina A disse que o bicho que mais tinha gostado foi o macaco. O menino P e o menino V disseram que gostaram mais do jacaré, mas que eles têm medo, porque o jacaré tem uma boca muito grande, capaz de engolir uma pessoa. A menina L e a J disseram que gostaram mais do tigre. O menino M gostou mais do leopardo por ele ser veloz. Ele perguntou à narradora: “ele corre muito não é?” O menino G disse que tinha visto vários animais quando ele foi no parque, que ele deu comida para os patos e tinha até macaquinho pulando nas árvores. A menina A2 disse que ela tem dois gatos em casa e que ela queria ter um peixinho, mas não pode porque os gatos comem os peixes, então ela prefere ficar só com os gatinhos. Pôde-se observar que o livro chamou a atenção das crianças por ser diferente dos outros que a narradora tinha levado.

A atividade realizada após a contação era desenvolver um jogo da memória. A narradora distribuiu duas folhas com os desenhos de animais. Cada aluno deveria pintar, recortar e colar na cartolina. A formanda contou com a ajuda da professora, o que foi muito importante. A atividade deu um pouco de trabalho. As crianças, na hora de recortar, apresentaram algumas dificuldades de motricidade. Nessa

atividade, a formanda e a professora tiveram que ficar ao lado das crianças para poder auxiliá-los a desenvolver a atividade. Depois da atividade realizada, a formanda se despediu e disse que voltaria na semana seguinte.

Nesse encontro pôde-se observar os componentes de afeto e estímulo à criatividade.

9º Encontro – O nono encontro aconteceu no dia 04/05/12. A narradora chegou à sala e as crianças já estavam esperando por ela. Perguntaram qual seria a história do dia. E a narradora disse que tinha levado duas histórias para escolherem. Neste dia as crianças estavam bem tranquilas, algumas tinham faltado. A menina K nesse dia estava bem tristonha, ela falou que estava com dor de barriga e não queria participar da atividade. A narradora puxou uma cadeira e pediu que ela sentasse mais perto e ela aceitou. Então a narradora pediu para que todas sentassem no tapete e mostrou as duas histórias para eles pudessem escolher. As duas histórias eram: “Chapeuzinho Amarelo” e “A verdadeira história dos 3 porquinhos”. Foi feita uma votação para decidir a história do dia. A maioria votou na “Chapeuzinho Amarelo”, autoria de Chico Buarque.

Resumo da história: Trata das aventuras de uma menina que tinha medo de tudo. Sabendo que havia um lobo no outro lado da montanha, decide sair em busca de uma resposta para suas dúvidas e receios e também para satisfazer a sua curiosidade. Essa menina sofre de um mal terrível: sente medo do medo. Enfrentando o Desconhecido (o Lobo), ela supera seus temores e inseguranças, encontrando a alegria de viver.

Terminada a contação, a narradora perguntou às crianças do que elas tinham mais medo. O menino O disse que tinha medo de cobra e morcego. Disse que uma vez de noite ele estava indo para casa e viu um morcego passando perto dele e da sua mãe e ele era muito feio. A menina S1 disse que tinha medo de barata, que ela tem nojo. As meninas S2 e S3 também concordaram com ela. O menino M disse que tinha medo do bicho papão que à noite ele até sonha com ele, tem medo de dormir no escuro, pois ele pode aparecer. Todos riram e o menino G disse que o bicho papão não existia, que os adultos falam dele para que as crianças fiquem com medo.

Depois da conversa, a acadêmica pediu para que as crianças voltassem para suas mesas, pois iriam desenvolver uma atividade: contornar e pintar o lobo mau. As pinturas foram as mais criativas. As crianças adoram pintar, apenas o menino O, ele quase sempre não termina as suas atividades. A atividade se desenvolveu muito bem nesse dia. A turma estava bem calma e não teve nenhum problema.

Nesse encontro foi observado a identificação com o personagem da Chapeuzinho, muitas disseram que também sentem muito medo de alguns bichos e de dormir sozinhos. Mas assim como a Chapeuzinho venceu os seus medos, elas também queriam vencer seus próprios medos.

A narradora se despediu de todas e disse que era o seu penúltimo dia com elas e que o próximo encontro seria a festinha de despedida. Algumas crianças disseram que não queriam que acabasse, que era para narradora voltar sempre. Então a narradora disse que a toda a turma foi muito especial para ela. Que na próxima semana ela voltaria com algumas surpresas. Todas queriam saber o que era, mas a acadêmica disse que eles só saberiam no dia.

10º Encontro – O décimo e último encontro aconteceu no dia 11/05/12. A narradora chegou à sala e todas já estavam esperando por ela sentadas no tapete. Então a narradora disse que tinha uma coisa para falar para elas e imediatamente a menina S1 falou “hoje não é o último dia, não é?” A narradora disse que sim, que seria o último dia, que iria contar a última história e depois iria ter uma festinha de despedida para elas com salgadinhos, docinhos e refrigerantes e no final iria entregar uma lembrancinha para cada criança, que seria um livro infantil comprado na feira do livro.

A história do dia foi “Soldadinho de chumbo”, (história adaptada e em 3D).

Resumo da história: Um senhor resolveu comprar um presente para seu filho, entrou em uma loja de brinquedos. Encantou-se com alguns soldadinhos de chumbo e acabou comprando. Mas não viu que um dos soldadinhos não tinha uma perna. Em casa, o soldadinho de chumbo se viu rodeado de vários brinquedos, mas o que chamou sua atenção foi uma linda bailarina. Ao anoitecer os brinquedos ganharam vida e soldadinho deparou-se com um monstro verde que o empurrou pela janela, caindo num bueiro que desaguou um rio, sendo engolido por um peixe.

Por coincidência o peixe que o engoliu foi comprado pela empregada da casa do menino e então soldadinho voltou para a sua casa. Soldadinho e a bailarina ficaram juntos e viveram felizes para sempre.

Depois da contação as crianças queriam ver o livro de perto. Várias vezes a narradora foi interrompida por comentários das gravuras, “nossa que linda essa bailarina” falou a menina K e os meninos acharam o soldadinho de chumbo muito corajoso e alguns ficaram com pena por ele ter uma perna só.

A narradora passou o livro para que todas as crianças pudessem ver os desenhos. Depois disso, a professora Vera pediu que todas cantassem uma musiquinha que ela tinha ensinado para elas. Então cantaram: “Ado, Ado, Ado, Muito Obrigado”, “Ado, Ado, Ado, Muito Obrigado”, para a narradora e no final houve muitas palmas. A professora agradeceu à narradora e disse que iria sentir sua falta. A narradora disse então que queria agradecer também. Agradecer às crianças por terem feito parte do trabalho dela, proporcionando momentos de alegria e pelo carinho que recebeu de todas, que foi uma diversão estar com elas. Agradecer à professora também por ter apoiado o trabalho e auxiliado a narradora em dias mais agitados. E que toda a turma estaria guardada no seu coração.

A narradora perguntou se lembravam da primeira história que foi contada por ela, e então, para surpresa, algumas crianças falaram “foi da tartaruga que quebrou o casco” que era a “Festa no céu”. E perguntou também se lembravam das outras histórias e foi citado “Chapeuzinho Amarelo, Os três porquinhos, Os animais Selvagens, a do Coelho que é Adivinha o quanto Eu te Amo e a da bruxa que é Uxa, ora fada, ora bruxa”. E qual a história que elas gostaram mais; a menina K disse que foi da tartaruga, a menina J disse que foi do coelho, o menino O disse que foi do Rei da Bigodeira, o menino G disse que foi do João e o Pé de Feijão, a menina N e o menino V disseram que foi a da bruxa que virava fada. A história mais citada foi da tartaruga; pelo visto foi a que mais agradou.

Depois a narradora deu o aval para começar a festinha, chegaram os salgados e os doces que a acadêmica tinha encomendado. Então a professora pediu que todas as crianças voltassem para seus lugares e ficassem sentadas que cada uma iria receber os salgadinhos, doces e refrigerantes. A narradora distribuiu os salgados, os refrigerantes e os docinhos por último. Depois da refeição, a narradora entregou as lembrancinhas, todas embrulhadas. Para os meninos era um

livrinho infantil da coleção de Super Carros e para as meninas era a Coleção dos Clássicos Infantis. Na hora da entrega, cada uma agradeceu à narradora e algumas queriam dar um beijo nela. A acadêmica perguntou se tinham gostado dos livrinhos e disseram que sim. Então a narradora disse que estava na hora de ir embora, agradeceu novamente pela colaboração de todas as crianças e da professora, que agradeceram também. Formou-se uma fila para dar um beijo na narradora e algumas crianças disseram que não queriam que ela fosse embora; outras solicitaram que ela voltasse em outra oportunidade.

Nesse último encontro foi observado o enorme carinho que as crianças tinham pela narradora e esta por aquelas. Os componentes biblioterapêuticos identificados foram a catarse, no momento do alívio demonstrado quando o soldadinho foi encontrado pela empregada, tendo voltado para sua casa. E o afeto, sempre constante nos encontros.

5 ANÁLISE DOS ENCONTROS

Os dez encontros realizados com as crianças permitiram que as mesmas tivessem contato com diversos tipos de textos literários e atividades lúdicas, o que foi prazeroso para elas.

Pôde-se observar que as reações das crianças em relação às histórias contadas foram as mais diversas em cada encontro, mas a alegria esteve presente em todos.

Nas atividades desenvolvidas pós-contação, as crianças não eram obrigadas a participar, mesmo assim era raro ver alguma criança que não quisesse participar da atividade proposta. As crianças ficavam livres para escolher o que quisessem fazer pois esse é um dos objetivos da biblioterapia, incentivar a liberdade.

O imaginário e a criatividade foram bem explorados, constatação feita pelas reações das crianças após as histórias que geralmente, faziam um comentário fantasioso sobre o enredo ou as personagens, como algo que queriam que acontecessem em relação à sua própria realidade.

Do primeiro ao último encontro foram nítidas as mudanças das crianças. As mais tímidas se soltaram e as que não falavam muito demonstraram todo o seu afeto e satisfação. Aquelas que gostavam de chamar a atenção da narradora no começo dos encontros, já estavam mais entrosadas com o grupo chamando a atenção dos próprios colegas, o que possibilitou mais união entre o grupo.

Foi nítido o afeto das crianças pela narradora, pois quando a narradora se despedia, elas pediam que ela não fosse embora. Isso comprova que as atividades biblioterapêuticas facilitam a aproximação com as pessoas. O contato físico também foi muito importante, proporcionando momentos de alegria e descontração, em que as crianças ficavam mais à vontade para falar de seus problemas e também partilhar suas alegrias com a narradora e colegas. Constatou-se um grande envolvimento de amizade entre as crianças e a narradora durante os encontros.

Pôde-se constatar que as atividades biblioterapêuticas contribuíram para que as crianças da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, se envolvessem com vários tipos de textos literários. As crianças também puderam realizar atividades de recreação que permitiram uma interpretação mais ampla dos textos utilizados, auxiliando no estímulo à criatividade.

A grande dificuldade encontrada pela narradora foi a falta de mais pessoas para auxiliarem no desenvolvimento das atividades biblioterapêuticas, pois contou somente com a ajuda da professora Vera. Esse foi um dos motivos de não ter utilizado a dramatização de histórias.

6 CONCLUSÃO

As atividades biblioterapêuticas, além de serem estimuladoras da leitura, facilitam a socialização em grupo, proporcionando momentos de desinibição, como demonstrações de afeto e solicitações de ajuda para determinados males e anseios e também a descontração, o estímulo à criatividade, lazer e a verbalização dos seus sentimentos.

Todas as atividades desenvolvidas permitiram as crianças momentos de descontração e lazer, oferecendo práticas de estímulo à criatividade e imaginação.

Os objetivos deste trabalho foram alcançados com êxito, proporcionando as crianças momentos prazerosos por meio da leitura e narração, como pôde-se comprovar na análise dos resultados.

Proporcionar a catarse, a identificação com os personagens fictícios e estimular a criatividade e a imaginação, proporcionar lazer e diversão e favorecer o riso foram objetivos atingidos. Na hora das histórias observou-se que as crianças demonstravam os mais variados sentimentos, de medo, de alegria, preocupação e o alívio no final das histórias por saberem que tudo terminou bem.

A criatividade e a imaginação foram alcançadas por meio da leitura e da narração e as atividades lúdicas proporcionavam uma hora de lazer e descontração, pois elas não faziam nada obrigados, ficavam livres para desenvolver a atividade ou não.

As crianças criaram um laço de amizade com a narradora, pois na maioria dos encontros elas diziam que não queriam que a narradora fosse embora e queriam que a narradora voltasse logo para contar outras histórias.

Este trabalho proporcionou contentamento às crianças, podendo ser observado no contato com as crianças e a narradora nos encontros, que sempre as recebiam com muita alegria e afeto. No último encontro, o agradecimento e o carinho demonstrados pelas crianças à narradora foram nítidos e satisfatórios. Todas demonstraram estar felizes com as atividades e agradecidas pelo carinho e atenção recebidas, sempre retribuindo o afeto recebido.

As crianças proporcionavam muitos momentos bons. E a situação de lidar com 25 alunos também foi gratificante; aprender a conviver com uma turma e com as crianças individualmente é uma experiência adquirida com satisfação.

Esses dez encontros com a turma do primeiro ano desenvolvendo as atividades biblioterapêuticas foi um grande aprendizado para a formanda, que além de gostar de livros e de lidar com crianças, pôde vivenciar os benefícios da biblioterapia. Foi com imenso prazer que exerceu, por meio da leitura e da contação de histórias, uma atividade que visa contribuir para a alegria das pessoas nem que seja por um momento – a biblioterapia.

Intenta-se que essa pesquisa auxilie a disseminar a biblioterapia como uma prática de leitura e contação que proporciona prazer às crianças e que divulgue a biblioterapia como mais um campo de atuação do bibliotecário.

REFERÊNCIAS

A GARGANTA da serpente. Disponível em:

<www.gargantadaserpente.com/historia/classicismo/classicismo.pdf>. Acesso em: 24 maio 2012.

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração sócia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 1994.

ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. **A importância do teatro na formação da criança**. 2008. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2011.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSA, Amanda de Queiroz. A interação entre bibliotecárias e professores de escolas públicas estaduais em Manaus, Amazonas, na biblioteca escolar. 2011. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia.

Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001a. Disponível em:

<<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14701204.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2011.

_____. **A poética da voz e da letra na literatura infantil: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças)**. 2001. 260 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001b.

_____. **Leitura e terapia**. Florianópolis. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0342-T.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2011.

_____. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

_____. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.8, n.2, p.23-40, jan./jun.2011.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica.** 6. ed. São Paulo: Global, 1989.

CASTRO, Raquel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, João Pessoa, v.1, n.2, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/586/424>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

CRUZ, Maria Aparecida Lopes da. **Biblioterapia de desenvolvimento pessoal: um programa para adolescentes de periferia.** 1995. 190 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 1995.

CUNHA, Leo. Poesia e humor para crianças. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil?** com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 75-90.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 23, 1º sem. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2007v12n23p216/404>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Taís. **A escola no teatro e o teatro na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRARDELLO, Gilka. **Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas.** 2007. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/aNarracao.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica.** São Paulo: Summus, 1980.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/276/69>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

MIRANDA, Maria Rosa Pimentel Faria de. **Informação, leitura e inclusão educacional e social nas bibliotecas Braille de Campo Grande-MS: um estudo de caso**. 2006. 216 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MORENO, Fernanda da Silva; AMODEO, Maria Tereza. A transformação da moralidade nas releituras teatrais de contos maravilhosos. **Letrônica**, Porto Alegre, v.3, n.2, p.209-218, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7492>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Trad. Nicolas Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

RATTON, Ângela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.4, n.2. p.198-214, set.1975.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTORI, Andréia; GRANDO, Jane, et. al. Leitura processo de aprendizagem. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, Santa Catarina, v. 1, n. 2, p. 1-8, ago. 2005.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n.1, p. 155-170, jan./jul. 2006. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/452/568>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

TRAJANO, Rosangela. **Efeitos educacionais e terapêuticos da contação de histórias**. 2007. Disponível em: <<http://www.rosangelatrajano.com.br>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

APÊNDICE A – Quadro das histórias utilizadas nos encontros

TÍTULO	AUTOR	DATA
A festa no céu	LAGO, Angela	02/03/12
Os 3 porquinhos	AMORIM, Patrícia	09/03/12
Eu não quero tomar banho	SYKES, Julie	16/03/12
João e o pé de feijão	MARQUES, Cristina	30/03/12
Adivinha o quanto eu te amo	MCBRATNEY, Sam	04/04/12
O rei da bigodeira e sua banheira	WOOD, Audrey	13/04/12
Uxa, hora fada, ora bruxa	ORTHOF, Sylvia	20/04/12
Quem sou eu? Animais Selvagens	BATISTA, Larrissa	27/04/12
Chapeuzinho Amarelo	BUARQUE, Chico	04/05/12
O soldadinho de chumbo	Editora Rai	11/05/12

APÊNDICE B – Autorização para fotografar os alunos do primeiro ano**Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz**

Srs Pais,

Eu, Daiana de Lima, aluna do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, estou realizando o meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. Durante a realização do Trabalho, serão desenvolvidas contação de histórias com o propósito de incentivar a leitura e estimular o gosto pela mesma com os alunos do primeiro ano. No desenvolvimento dessas atividades gostaria de fazer alguns registros fotográficos para ilustrar o TCC. Essas fotos não serão divulgadas na mídia, tendo como única finalidade ilustrar o trabalho já mencionado.

Gostaria de contar com a sua colaboração, assinando o termo de permissão permitindo que a foto do aluno (a) seja utilizada para ilustrar o referido trabalho.

Florianópolis, ____ de março de 2012.

Agradeço pela colaboração!

Aluno(a) _____ da
turma _____.

Assinatura dos pais e/ou
responsáveis: _____.

- Sim autorizo que se possa tirar fotos durante as atividades.
 Não autorizo que se possa tirar fotos durante as atividades.

APÊNDICE C – Fotos da atividade realizada com os ovinhos de Páscoa



APÊNDICE D – Foto da atividade realizada com massinha



APÊNDICE E – Foto realizada no dia da contação no pátio da escola



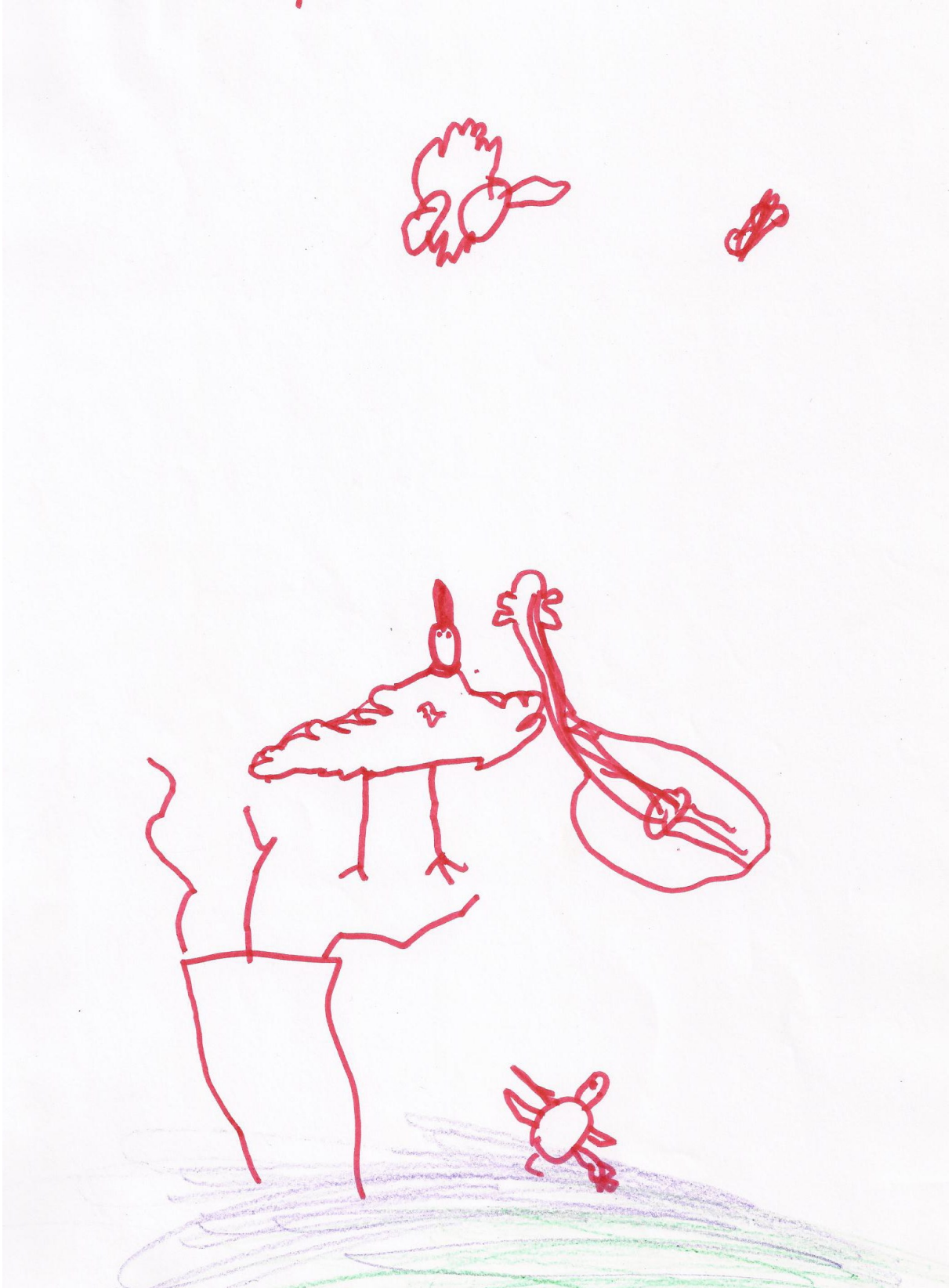
APÊNDICE F – Fotos da festinha realizada na última sessão de biblioterapia

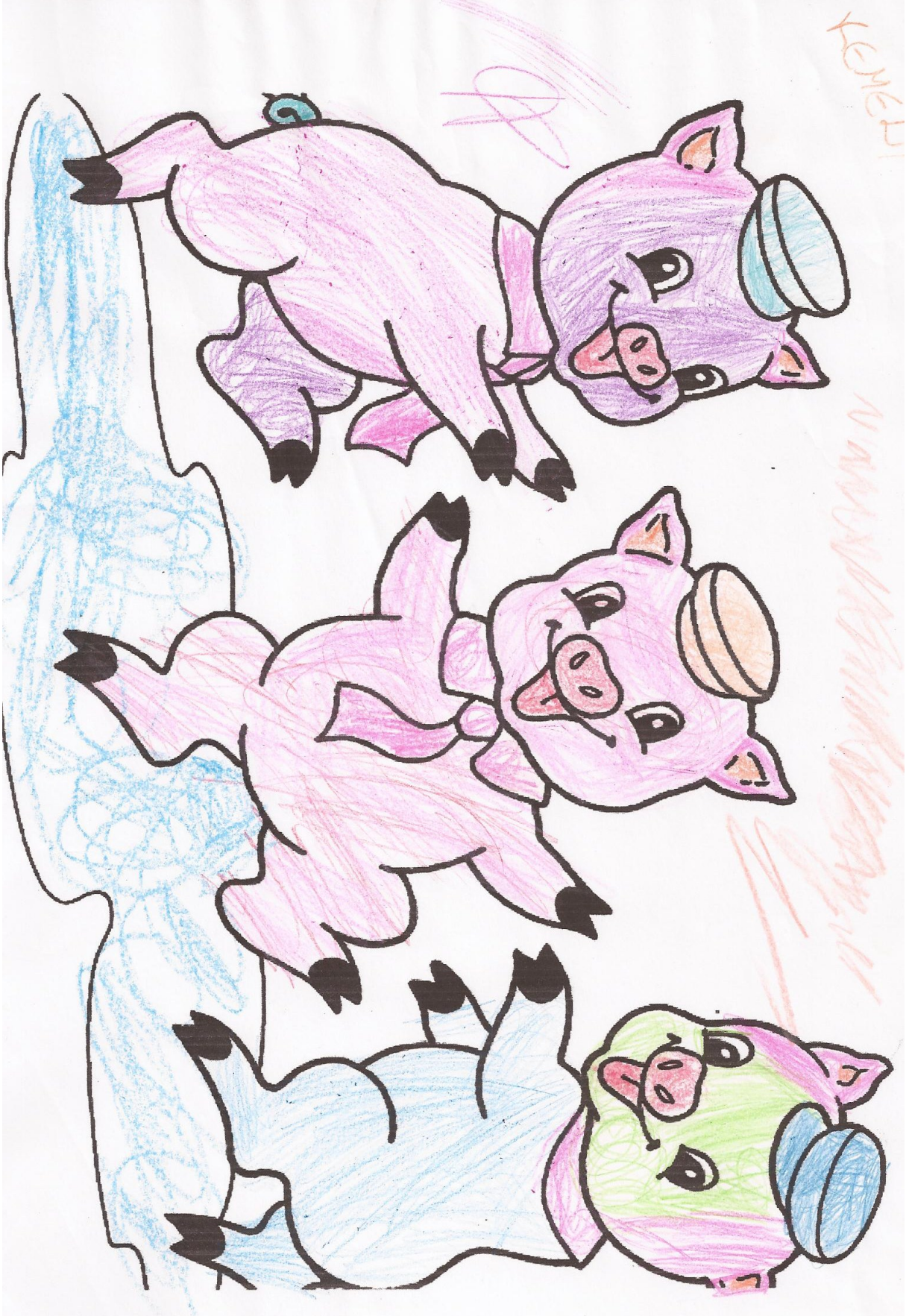
APÊNDICE G – Fotos das lembrancinhas recebidas



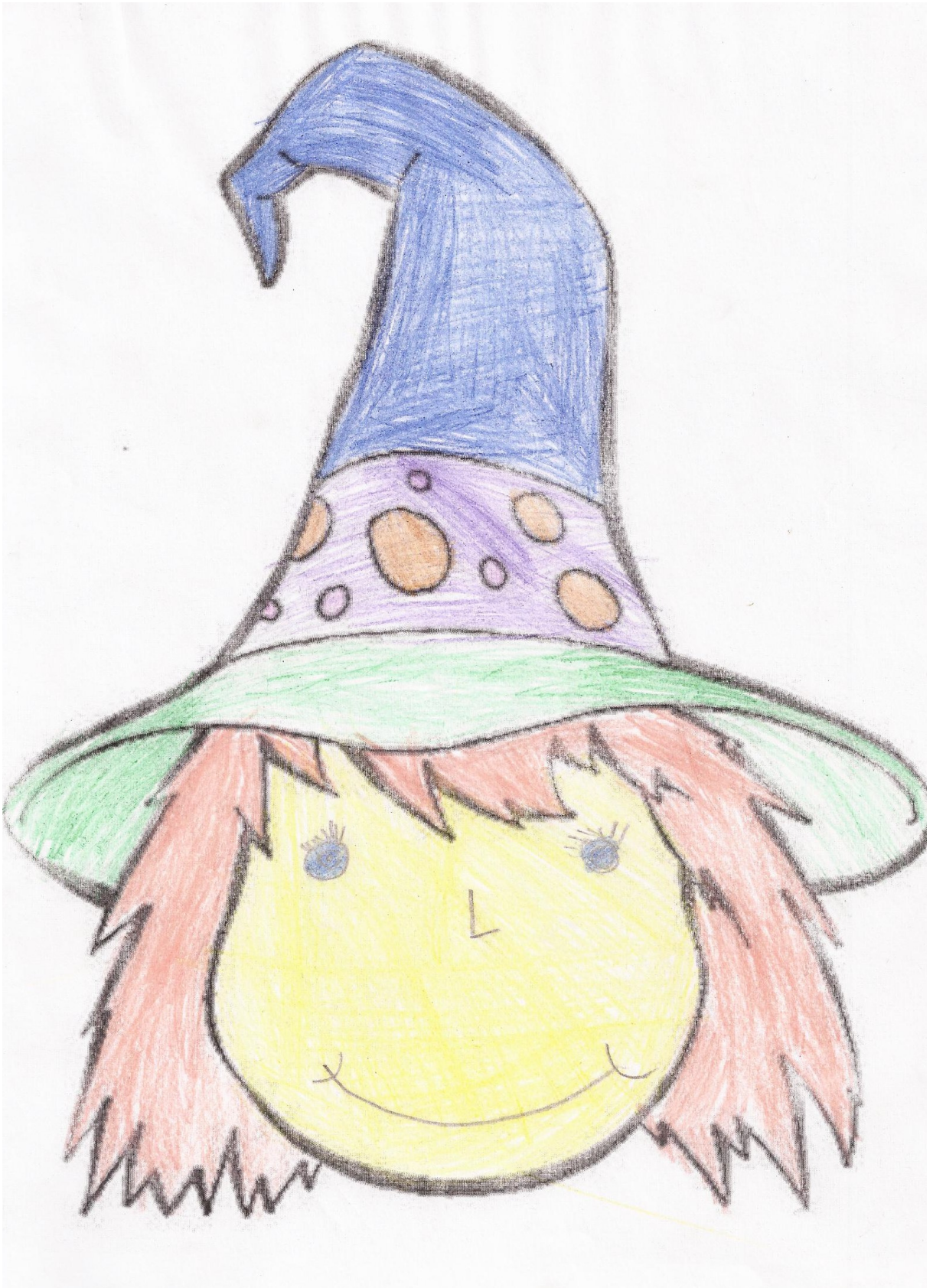
APÊNDICE H – Foto da despedida da narradora

ANEXO - Materiais desenvolvidos pelas crianças após a contação das histórias



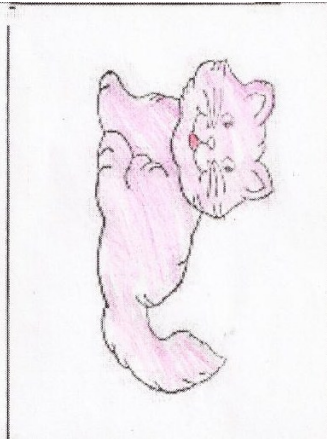




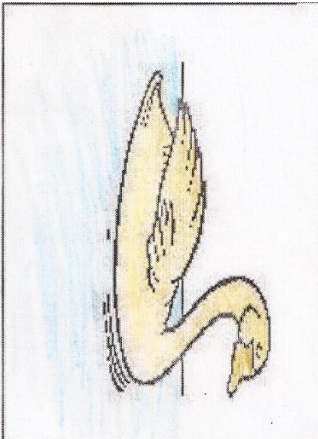




VACA



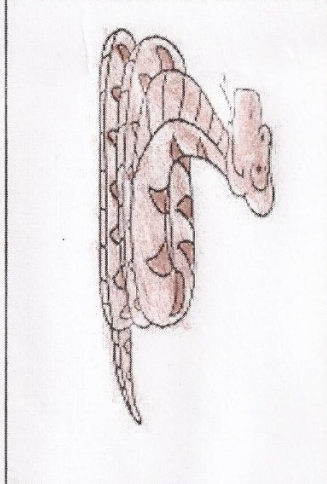
GATO



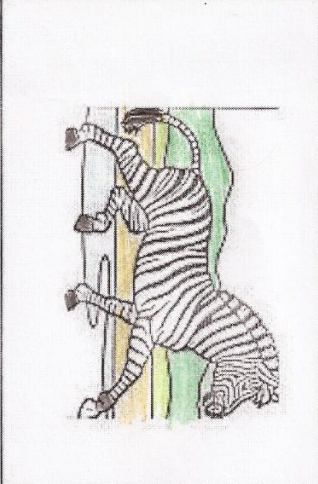
CISNE



COELHO



COBRA



ZEBRA

Complete o lobo mal:

